

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**Programa de Pós-graduação em Lingüística - PROLING**

**ADRIANO CARLOS DE MOURA**

**O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS-  
VOCÁLICA EM POSIÇÃO DE CODA NO FALAR  
TOCANTINENSE: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA**

**JOÃO PESSOA - PARAÍBA**

**2009**

**ADRIANO CARLOS DE MOURA**

**O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS-  
VOCÁLICA EM POSIÇÃO DE CODA NO FALAR  
TOCANTINENSE: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

**Orientador: Prof. Dr.  
DERMEVAL DA HORA**

**JOÃO PESSOA - PARAÍBA**

**2009**

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a toda minha família, em especial à minha esposa, aos meus filhos e aos meus pais, que muito me apoiaram nesta empreitada.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida e a oportunidade que tem me dado;

A minha esposa Ana Cláudia, pelo amor e compreensão nos momentos de ausência;

Aos meus pais (Seu José e Dona Sílvia) e aos meus Filhos (Beatriz e Artur) pelo amor incondicional;

Aos Professores do PROLING/UFPB, que contribuíram de forma grandiosa para a realização deste trabalho;

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora, pela orientação, apoio, amizade e confiança;

Aos professores Rubens e Juliene Pedrosa, pelas preciosas dicas;

E à Universidade Federal da Paraíba, ao Instituto Federal de Educação Tecnológica do Tocantins (IFTO), à CAPES e à SETEC, que através do Edital 01/2007 CAPES-SETEC, possibilitaram-nos a realização de um sonho, que parecia tão distante para nós.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Estratificação das faixas etárias .....	57
TABELA 02 – Contexto fonológico precedente.....	59
TABELA 03 – Contexto fonológico seguinte.....	60
TABELA 04 – Extensão do vocábulo.....	60
TABELA 05 – Posição da lateral.....	61
TABELA 06 – Tonicidade.....	61
TABELA 07 – Resultados para <i>Contexto fonológico precedente</i> .....	65
TABELA 08 – Resultados para <i>Tonicidade</i> .....	67
TABELA 09 – Resultados para <i>Sexo</i> .....	68
TABELA 10– Resultados para <i>Extensão do vocábulo</i> .....	69
TABELA 11– Resultados para <i>Anos de escolarização</i> .....	70
TABELA 12– Resultados para <i>Contexto fonológico seguinte</i> .....	71
TABELA 13– Resultados para <i>Faixa etária</i> .....	72
TABELA 14– Cruzamento de <i>Contexto fonológico precedente</i> e <i>Contexto fonológico seguinte</i> .....	73
TABELA 15– Cruzamento de <i>Contexto fonológico precedente</i> e <i>Extensão do vocábulo</i> .....	74
TABELA 16 – Cruzamento de <i>Contexto fonológico precedente</i> e <i>Tonicidade</i> ...	75

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Resultados gerais da análise .....	64
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS

- A.D.** – Análise do Discurso
- APERJ** - Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro
- Apli/Total** – Aplicação/TOTAL
- CV** – Consoante, Vogal
- CCV** – Consoante, Consoante, Vogal
- CVC** – Consoante, Vogal, Consoante
- CVV** – Consoante, Vogal, Vogal
- GOLDVARB** – Variable Rule Analysis (Version 1.0.2.13, for Windows)
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- NURC** – Norma Urbana Culta
- ORGS.** – Organizadores(as)
- PB – Português Brasileiro**
- PEUL** - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
- P.Rel** – Peso Relativo
- UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- V** – Vogal
- VARBRUL** – Variable Rule Analysis
- VALPB** – Variação Lingüística no Estado da Paraíba
- VARSUL** – Variação Lingüística Urbana no Sul do País
- VALTINS** – Variação Lingüística no Tocantins
- VC** – Vogal, Consoante

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de variação da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica no falar de Araguatins, estado do Tocantins. A amostra foi constituída de entrevistas de aproximadamente uma hora de duração com 36 informantes, estratificados por *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, correlacionamos a estas variáveis extralingüísticas as variáveis estruturais: *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *extensão do vocábulo*, *posição da lateral* e *tonicidade*. No processo de análise computacional, através do GOLDVARB, foram selecionadas pelo *stepping up* como relevantes, numa ordem hierárquica, as variáveis: *Contexto fonológico precedente*, *Tonicidade*, *Sexo*, *Extensão do Vocábulo*, *Escolaridade*, *Contexto fonológico seguinte* e *Faixa etária*. Foram computadas 3256 ocorrências, sendo 2961 ocorrências da lateral semivocalizada [w]; e 295 de apagamento [Ø]. A presença de vogal posterior, sobretudo [u], no *Contexto fonológico precedente* desfavoreceu, decisivamente, a implementação da regra de vocalização da lateral pós-vocálica. Quanto ao *contexto fonológico seguinte*, as vogais e as consoantes labiais condicionaram ao apagamento, enquanto a pausa foi favorecedora à vocalização. Ficou comprovado também que quanto maior a massa fônica maior a propensão do apagamento da lateral, situação semelhante ao que acontece quanto a lateral se apresenta em sílaba postônica. Em relação a variável social *Sexo*, podemos dizer que os homens favoreceram mais o apagamento da lateral do que as mulheres. Na análise da influência da variável *Anos de escolarização*, ficou claro que quanto mais escolarizado for o informante mais propenso estará à manutenção da variante semivocalizada do /l/ pós-vocálico. Já os resultados para *Idade*, mostraram-nos que há, atualmente em Araguatins, uma certa estabilidade no uso feito da lateral em coda silábica em todas as faixas etárias.

**Palavras-chave:** Processo de variação; Lateral pós-vocálica; Variáveis estruturais; Apagamento.



## ABSTRACT

This work had as objective to analyze the process of variation of the lateral post-vocalic /l/ in syllabic position of coda in the speech of Araguatins, state of Tocantins. The sample was constituted of interviews of approximately one hour of duration with 36 speakers, divided by *sex*, *age* and *educational level*, we correlate to these extralinguistic variables the structural variables: *preceding phonological context*, *following phonological context*, *extension of word*, *position of the lateral and stressing*. In the process of computational analysis, through the GOLDVARB, they had been selected by 'stepping up' as relevant, in a hierarchic order, the variables: *preceding phonological context*, *stressing*, *sex*, *extension of word*, *educational level*, *following phonological context* and *age*. 3256 occurrences had been computed, being 2961 occurrences of the semi-vocalized lateral [w]; e 295 of deletion [Ø]. The presence of posterior vowel, in particular [u], in the *Preceding phonological context* did not favor, decisively, the implementation of the rule of vocalization of the post-vocalic lateral /l/. Due to the *following phonological context*, the vowels and the labial consonants had conditioned the deletion, in the other hand the pause was supporter to the vocalization. It was also proven that how much bigger the phonic mass bigger the propensity of the deletion of the lateral, similar situation happens when the lateral is post-tonic syllable. For social variable *sex*, we can say that men have favored much more the deletion of lateral in comparison with women. In the analysis of the influence of the variable *educational level*, it became clear that the more educated is the informant more likely occurs the maintenance of semi-vocalized variant of /l/ post-vocalic. The results for *age*, showed us that there is currently in Araguatins a certain stability in the use of /l/ in in syllabic position of coda in all age groups.

**Keywords:** Process of variation; Lateral post-vocalic; Structural variables; Deletion.

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	i
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	ii
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	iii
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	iv
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	v
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	vi
<b>RESUMO</b> .....	vii
<b>ABSTRACT</b> .....	viii
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1- OBJETO DE ESTUDO</b> .....	17
1.1- A abordagem de Câmara Jr. (1970) sobre as líquidas .....	17
1.2- Sêcco (1977) e o /l/ implosivo na linguagem de Ponta-grossa, Paraná ..	19
1.3- Os estudos de Quednau (1993) sobre a lateral pós-vocálica no português gaúcho .....	19
1.4- Teixeira (1995), na Bahia, e a “Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante /l/” .....	21
1.5- O trabalho de Espiga (1997) sobre a influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica .....	22
1.6- Dal Mago (1998) e o comportamento do /l/ pós-vocálico no falar do sul do país .....	24
1.7- Quandt (2004) e os estudos da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense .....	25
1.8- Os resultados e os pressupostos de Hora (2006) sobre a vocalização da lateral /l/ no falar pessoense .....	27
1.9- Sá (2007) e a Variação do /l/ em posição de coda na fala de Arcoverde (PE) .....	28
<b>2- A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS</b> .....	31
2.1- Primeiros estudos lingüísticos .....	31

	11
2.2- Os estudos lingüísticos no século XIX .....	33
2.3- A lingüística no século XX .....	34
2.4- As três concepções de língua .....	35
2.4.1- Linguagem como expressão do pensamento .....	35
2.4.2- A linguagem como instrumento de comunicação .....	37
2.4.3- A linguagem como forma ou processo de interação .....	41
2.5- A sociolingüística variacionista .....	44
<b>3- METODOLOGIA</b> .....	49
3.1- População Alvo .....	49
3.2 – Amostragem .....	51
3.3 - Definição operacional das variáveis .....	52
3.4.1- Variável dependente .....	53
3.4.2- Variáveis independentes .....	53
3.4.2.1- Variáveis extralingüísticas (sociais) .....	53
3.4.2.1.1- Sexo .....	54
3.4.2.1.2- Faixa etária .....	55
3.4.2.1.3- Anos de escolarização .....	57
3.4.2.2 - Variáveis lingüísticas (estruturais) .....	59
3.4.2.2.1- Contexto fonológico precedente .....	59
3.4.2.2.2- Contexto fonológico seguinte.....	60
3.4.2.2.3- Extensão do Vocabulo .....	60
3.4.2.2.4- Posição da lateral .....	61
3.4.2.2.5- Tonicidade .....	61
3.5- Método de análise .....	62
<b>4- ANÁLISE À LUZ DA TEORIA VARIACIONISTA</b> .....	64
4.1- Influência da restrição <i>Contexto fonológico precedente</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	65
4.2- Influência da restrição <i>Tonicidade</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	67
4.3- Influência da restrição <i>Sexo</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós- vocálica .....	68

4.4- Influência da restrição <i>Extensão do vocábulo</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	69
4.5- Influência da restrição <i>Anos de Escolarização</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	70
4.6- Influência da restrição <i>Contexto fonológico seguinte</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	71
4.7- Influência da restrição <i>Faixa etária</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	72
4.8- Resultados do cruzamento das variáveis <i>Contexto fonológico precedente</i> e <i>Contexto fonológico seguinte</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	73
4.9- Resultados do cruzamento das variáveis <i>Contexto fonológico precedente</i> e <i>Extensão do vocábulo</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	74
4.10- Resultados do cruzamento das variáveis <i>Contexto fonológico precedente</i> e <i>Tonicidade</i> sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica .....	75
<b>5- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
<b>ANEXOS</b> .....	87

## INTRODUÇÃO

No Brasil, diversos trabalhos foram publicados na tentativa de se explicar o funcionamento dos sistemas vocálico e consonantal da língua portuguesa. Câmara Jr. (1970), no seu *Estrutura da Língua Portuguesa*, afirma que há dois critérios para se estabelecer a diferença entre vogais e consoantes na língua portuguesa. Um **critério fonético**, que considera a vogal como um som produzido quando a corrente de ar passa livremente pela cavidade bucal, ou seja, sem nenhuma oclusão; enquanto a produção de um fonema consonantal ocorre quando a corrente de ar é interrompida na boca, “*seja, uma constrição, ou apêto, seja uma oclusão parcial que desvia a direção da corrente de ar, ou uma tremulação da língua que imprime uma vibração à corrente de ar.*” (CÂMARA JR., 1970, p. 27).

O outro critério elencado por Câmara Jr. (1970) é o **comportamento do fonema na unidade superior da sílaba**. Ele afirma que toda sílaba possui um ápice ou centro, chamado por ele de “V”, como uma clara referência aos fonemas vocálicos, pois, em nossa língua, tal posição só pode ser ocupada por uma vogal. Ao fazer menção às consoantes, o autor utiliza “C” para caracterizar os elementos marginais pré-vocálicos e pós-vocálicos.

Na obra, o autor defende que a posição de início de sílaba é aquela que mais favorece o desdobramento de todas as consoantes de nossa língua, tendo em vista o limitado número de consoantes que podem aparecer tanto como segundo elemento de um ataque complexo quanto na posição de coda silábica.

Câmara Jr (1970) ainda destaca o fato de a posição intervocálica enfraquecer as consoantes que se encontram em tal ambiente, enfraquecimento este que favorece o surgimento de alofones posicionais das consoantes não-intervocálicas. Oposições como a que ocorre, em ambiente vocálico, entre a líquida dental /l/ e líquida palatal /ʎ/ (mala:malha), só ocorreriam, em posição

não-intervocálica, com palavras provenientes de empréstimos de outras línguas, a exemplo de (lhama:lama), em que primeira é de origem estrangeira.

Ainda em relação à estrutura silábica de nossa língua, Câmara Jr. (1970) afirma que é uma ilusão pensarmos que, como sugere a língua escrita, há muitas consoantes que podem ocupar a posição pós-vocálica. Para ele, “*as únicas consoantes posvocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas labiais (pasta, rasgo, fôlhas etc.)*.” (CÂMARA Jr., 1970, p. 41).

Câmara Jr. (1970) é um dos muitos autores que vêm tentando explicar o sistema fonético-fonológico de nossa língua, já que em um país imenso como o Brasil, é mais do que natural que surjam, a cada dia, variações dialetais em todos os níveis da fala que merecem ser elucidadas. Podemos perceber claramente nas várias regiões do Brasil diferenças nos níveis: sintático, morfológico, semântico, pragmático e fonético-fonológico, porém aqui trataremos apenas deste último nível.

Nosso trabalho segue os princípios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana e adotamos como parâmetros outros trabalhos de investigação sobre a variação da consoante lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda já realizados no país, tais como: Quednau (1993), Teixeira (1995), Espiga (1997), Dal Mago (1998), Quandt (2004), Hora (2006), entre outros. Assim, visamos traçar o perfil linguístico do falante da cidade de Araguaatins, um dos berços históricos e culturais do estado do Tocantins, palco da Guerrilha do Araguaia, no que concerne ao uso variável da lateral pós-vocálica em posição de coda de sílaba.

A variação da lateral /l/ pós-vocálica pode implicar o aparecimento de uma forma velarizada [ɫ], bastante comum aos dialetos da região sul, em concorrência com uma forma semivocalizada [w], predominante nas outras regiões brasileiras. Além dessas duas, consideraremos, inicialmente, em nossa análise, outras duas variantes: uma forma aspirada [h] e o zero fonético [Ø], variantes utilizadas por Hora (2006), em sua pesquisa em João Pessoa, Paraíba; justamente por

acreditarmos que o dialeto tocantinense se aproxima muito mais daqueles falados no Nordeste do que dos utilizados pelos falantes do Rio Grande do Sul, Paraná ou Santa Catarina, estados onde existe um grande número de estudos sobre a lateral /l/.

Através da correlação entre as variáveis sociais e estruturais, objetivamos verificar quais são as variantes da lateral em posição de coda silábica que ocorrem no falar de Araguatins. E, mais especificamente, determinar quais variáveis lingüísticas e extralingüísticas condicionam o processo de variação da lateral pós-vocálica em posição de coda no falar do araguatinsense; verificar se o processo fonológico em pauta se caracteriza como variação estável ou mudança em progresso; e conduzir o trabalho de forma que seu resultado seja relevante para o ensino de Língua Portuguesa e para os estudos sociolingüísticos sobre o Português Brasileiro (PB) posteriores ao nosso.

Para que se tenha uma visão panorâmica de tudo que este trabalho apresenta, faremos uma descrição sucinta dos capítulos que se seguem.

No primeiro capítulo, para que possamos delimitar, adequadamente, nosso objeto de estudo, faremos uma revisão de outros trabalhos já realizados no Brasil sobre a variação da lateral pós-vocálica, de forma que possamos colher as contribuições de cada um para o nosso estudo.

No segundo, traçaremos um panorama dos estudos lingüísticos a partir das três concepções de linguagem: a língua como representação do pensamento, como forma de comunicação e como ferramenta de interação social. No mesmo capítulo será dado um enfoque especial à Sociolingüística variacionista laboviana que norteará teórica e metodologicamente o nosso trabalho.

No terceiro capítulo, abordaremos os aspectos metodológicos do trabalho, ou seja, definiremos a população selecionada para a pesquisa, os parâmetros utilizados para formação de nossa amostragem, o processo utilizado na coleta de dados (formação do Corpus) e o método de análise estatística computacional.

Ainda neste capítulo, delimitaremos as variáveis estruturais e sociais que serão consideradas no processo de análise dos dados. Para tanto, levaremos em conta os resultados obtidos nos outros trabalhos sobre a lateral /l/ revisados no capítulo um. Além disso, levantaremos as hipóteses para cada variável utilizada na pesquisa.

No quarto capítulo, apresentaremos os resultados da análise descritiva, na qual discutiremos a influência de cada variável lingüística e extralingüística sobre a aplicação da regra de vocalização da lateral em posição de coda silábica no falar de Araguatins.

No quinto e último capítulo, faremos nossas considerações finais, relacionando o trabalho realizado por nós com a teoria variacionista laboviana, através de inferências à mesma; bem como daremos sugestões e faremos algumas recomendações que visam ao auxílio de trabalhos futuros, que tenham como base a teoria sociolingüística variacionista e busquem criar a consciência da necessidade de uma prática no ensino de língua portuguesa, que tome a língua como mecanismo de interação e intervenção social.



## 1- OBJETO DE ESTUDO

O próprio Câmara Jr. (1970) já discutia a variabilidade presente entre os usos que se faz da lateral pós-vocálica na região Sul do Brasil, onde se utiliza mais frequentemente uma forma velarizada; e no restante do país, onde há a preferência pela variante vocalizada.

Além dele, destacaremos neste capítulo os trabalhos de: Quednau (1993), em sua dissertação de mestrado intitulada “*A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*”; Teixeira (1995), na Bahia, que pesquisou a “*Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante /l/*”; Espiga (1997), que estudou a “*Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira*”; Dal Mago (1998), em “*O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país*”; Quandt (2004), no Rio de Janeiro, em “*O comportamento da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense*”; Hora (2006), na Paraíba, que pesquisou a “*Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais*”; e Sá (2007), em Pernambuco, em “*Variação do /l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)*”.

### 1.1- A abordagem de Câmara Jr. (1970) sobre as líquidas

Câmara Jr. (1970) explica que o /l/ pós-vocálico é posterior por alofonia posicional, já que, além do fato de a ponta da língua se aproximar dos dentes, que, normalmente, ocorre quando a lateral forma sílaba com a vogal da sílaba seguinte; o dorso posterior da língua também se aproxima do véu palatino, ou seja, adquirindo uma velarização (CÂMARA JR., 1970, p. 41):

Daí decorre uma mutação, que em lingüística diacrônica se chama a ‘vocalização’ da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar, e há um concomitante arredondamento dos lábios. O resultado é um /u/ assilábico, e *mal* torna-se homônimo de *mau*, *vil* de *viu* e assim por diante.

Para ele, com exceção de em partes do sul do país, que ainda mantêm uma variante velarizada [ɣ], em concorrência com a forma vocalizada [w], desaparece de nossa língua o /l/ pós-vocálico, passando apenas o /r/ a ocupar essa posição silábica.

Câmara Jr. (1971, p.17) atesta que a alofonia posicional presente na variação de /l/ ocorre tanto no português do Brasil quanto no de Portugal:

[...] em amplas áreas da língua portuguesa, em Portugal e no Brasil, a consoante contínua dita lateral [...] perde em certas posições a articulação dental que tem quando constitui sílaba com uma vogal seguinte [...]; passa a ter uma articulação velar, porque a língua se retrai para o fundo da boca e a parte axial do seu dorso é que toca o véu palatino, em vez de haver um avanço, com a ponta afirmando-se nos dentes superiores. Na pronúncia normal de Lisboa, não só o /l/ em final de sílaba, pós-vocálico, mas até o intervocálico (ala, ela, etc.) tem articulação velar numa típica variante posicional da consoante

O que Câmara Jr. (1971) quer dizer é que os fonemas podem variar de acordo com a posição em que aparecem dentro do vocábulo, mais precisamente, na dependência do ambiente fonético em que se encontra. No caso da realização de /l/ na língua portuguesa, temos uma consoante dental ou anterior [l], quando em *onset* ou ataque de sílaba; e podemos perceber a realização, na coda silábica, de uma consoante velarizada [ɣ], comum nos dialetos do sul do Brasil, em concorrência com a forma semivocalizada [w], mais comum no restante do país.

Percebemos, claramente, uma evolução na análise que o autor faz da variação da lateral pós-vocálica no Brasil, quando Câmara (1977, p.31) afirma haver uma terceira variante [l<sup>w</sup>] para o /l/ em posição de coda:

[...] o contraste entre /l/ e /w/ depois de vogal não deve ir ao ponto de se articular o /l/ depois de vogal exatamente como o /l/ antes de vogal. Salvo no extremo sul do país, esta pronúncia indiferenciada soa anômala, e dá a impressão de haver um ligeiro /i/ depois do /l/ de maneira que uma palavra como **cal** quase se confunde com **cale** ou **mel** com **mele**.

Poderíamos sintetizar o que Câmara Jr. afirma sobre a lateral pós-vocálica, dizendo que na coda silábica o /l/ pode-se apresentar como uma consoante velarizada [ɫ], velarizada e labializada [ɫ<sup>w</sup>] ou vocalizada [w].

### **1.2- Sêcco (1977) e o /l/ implosivo na linguagem de Ponta-grossa, Paraná**

Sêcco (1977), em seu estudo sobre o /l/ implosivo na fala pontagrossense, analisou o /l/ nas seguintes posições: final absoluta, intravocabular antes de consoante, final absoluta antes de vogal inicial do segundo elemento de palavra composta e antes de consoante inicial do segundo elemento de palavra composta.

Em Ponta-grossa, Paraná, segundo a autora, a lateral pode ser realizada como líquida velar, a exemplo da palavra (sa[ɫ]), em posição final absoluta ou intravocabular em qualquer contexto.

Em relação ao zero fonético [Ø], em posição final absoluta, só ocorre depois de /u/, como em (su[Ø]). Já, no interior de vocábulo, não foi constatado o apagamento diante de /p/, /b/, /d/, /f/, /s/, /z/, diferentemente do que ocorreu em palavras como (a[Ø]mofada).

Quanto à vocalização da lateral em posição de coda, no dialeto pontagrossense, só não ocorre depois de /u/ ou antes de /k/ e /b/. Vale salientar que Sêcco (1977) ainda verificou a ocorrência na variação de /l/ de uma transição entre uma variante velar e uma vibrante, como em (ca[r]cãnhá).

### **1.3- Os estudos de Quednau (1993) sobre a lateral pós-vocálica no português gaúcho**

Quednau (1993), na sua dissertação de mestrado intitulada “*A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*”,

trabalhou com o *corpus* do projeto VARSUL<sup>1</sup>, que coletou a fala de informantes de quatro regiões do Rio Grande do Sul, sendo: região metropolitana de Porto Alegre, região de colonização alemã (município de Taquara), região de colonização italiana (Monte Bérico, distrito da cidade de Veranópolis), região fronteiriça (município de Santana do Livramento). Entre fatores extralingüísticos, destacam-se os fatos de os informantes possuírem, no máximo, o primário e, com exceção dos informantes da região metropolitana de Porto Alegre, todos serem bilíngues.

Em seu trabalho, a autora levou em consideração as variáveis lingüísticas: *acento*, *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *posição da lateral e sândi*.

Após as rodadas no VARBUL, a variável *grupo étnico* foi selecionada como a mais relevante pelo programa. Constatou-se que os metropolitanos são aqueles que mais fazem uso da variante vocalizada [w], com peso relativo de (.95); enquanto fronteiriços com (.31), italianos (.26) e alemães (.25) quase não utilizam tal variante.

Quednau (1993) avaliou como inexpressivos os resultados para a variável *sexo*, por estarem muito próximos do ponto neutro, sendo: homens (.47) e mulheres (.53). O mesmo ocorreu com outra variável extralingüística, *faixa etária*, sendo: mais jovens (20 a 40 anos), peso relativo (.49); e mais velhos (41 a 55 anos), peso relativo (.51).

Os resultados para a variável lingüística *acento* mostraram que tanto em sílaba tônica quanto em pretônica há um favorecimento à vocalização. Já com relação ao *contexto fonológico precedente* percebeu-se que quando há uma vogal alta /i/ ou /u/, sobretudo esta última, existe uma tendência à manutenção da forma velarizada da lateral pós-vocálica, porém, a presença das demais vogais favoreceu a vocalização. Quednau (1993, p.52) explica que:

---

<sup>1</sup> Projeto Variação Lingüística Urbana no Sul do País

Isto pode estar relacionado com o fato de se criarem ditongos nítidos no caso de vogais não-altas, isto é, quando ficam foneticamente separadas quanto à altura (com valores distanciados, portanto), o que favorece a regra; já no caso de duas vogais com a mesma altura (com valores pouco distanciados), haveria uma tendência a reter o processo em virtude de as combinações entre duas altas se prestarem a interpretações ambíguas.

Em relação ao *contexto fonológico seguinte*, a autora percebeu que as *consoantes altas (palatal e velar)* (.67) e a *lateral* (.65), foram as que mais condicionaram o processo de vocalização, seguidas das consoantes alveolares e pausa (.57). Por outro lado, as labiais com (.41) e as vogais (.22) não se mostraram como favorecedoras do processo em questão.

Os resultados da variável *posição da lateral* mostraram que, no falar gaúcho, tanto quando a lateral vem no interior de vocábulo quanto quando vem em posição de coda absoluta há uma tendência à manutenção da lateral velarizada [ɫ].

#### **1.4- Teixeira (1995), na Bahia, e a “Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante /l/”**

A autora baiana trabalhou os dados coletados em gravações da fala de 8 informantes da comunidade rural de Saco Fundo, município de Monte Santo (BA), cidade a 400 km de Salvador, estratificados em 3 faixas etárias: 16 a 30 anos, 31 a 49 anos e a partir de 50 anos.

Teixeira (1995) considerou as variantes: [ɫ] líquida velarizada, [li] líquida lateral alveolar seguida de [i], [w] semivogal velar e [Ø] zero fonético. A partir da separação da posição da lateral em *posição interna* ou em *final de palavra*, analisou a relevância dos seguintes fatores lingüísticos: *vogal antecedente*, *segmento seguinte (vogal, consoante e pausa)*, *acento e dimensão da palavra*.

Uma das conclusões as quais Teixeira (1995) chegou é a de que, em Saco Fundo, os mais velhos utilizavam, predominantemente, a variante velarizada da lateral, sobretudo em posição interna de palavra. Porém, já se percebia, à época, um início de mudança de [ʎ] para [w], tendo em vista que o grupo de meia-idade, já utilizava, no final de palavra, mais a segunda variante em detrimento da primeira; por sua vez, os jovens já não usavam a variante velarizada, predominando em sua fala a forma vocalizada, seguida, em alguns contextos específicos, do apagamento, principalmente após a vogal [u].

Um fato interessante registrado pela autora é o de haver uma resistência ao apagamento de /l/ final nos monossílabos, o que, segundo ela, é confirmado pelas regras morfofonológicas de formação de plural das palavras terminadas em /l/ no português, justamente por essas palavras conservarem o /l/ final na formação do plural.

Ela também verificou que, naquela comunidade, todas as sílabas átonas finais terminadas em consoante ou semivogal reduzem-se ao padrão silábico CV. Teixeira (1995, p. 67) afirma que *Na verdade, para essa comunidade de fala, todas as palavras não-oxítonas terminam em vogal*, por isso palavras como “fácil” e “difícil” realizavam-se como “fáci” e “difíci”.

Em suas notas, Teixeira (1995) ainda menciona o fato de que a diferença percentual de [ʎ] em dissílabos e trissílabos era insignificante, logo, em sua opinião, a oposição se daria entre vocábulos monossilábicos e não-monossilábicos.

### **1.5- O trabalho de Espiga (1997) sobre a influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica**

Espiga (1997), em sua dissertação de mestrado intitulada *A influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica no português da fronteira*, selecionou 18 informantes bilíngues, nascidos na região de Chuí, Rio Grande do

Sul, na fronteira com o Uruguai. Foram analisadas 945 ocorrências de /l/ pós-vocálico, levando-se em consideração as variáveis estruturais (*vogal precedente, tipo de sílaba quanto ao acento, lugar de constrição do contexto fonológico seguinte, ponto de articulação da consoante seguinte, modo de articulação da consoante seguinte e tipo de fronteira vocabular*).

No que tange às variáveis sociais, diferentemente do que ocorre em outros trabalhos de cunho variacionista, Espiga (1997) não levou em conta a variável *sexo*, por considerar, assim como Quednau (1993, p. 47), que essa variável não exerce influência no processo de variação da lateral pós-vocálica. Também não levou em consideração a variável *escolaridade*, em seu lugar preferiu utilizar a variável *grau de contato com outras variedades dialetais do PB*, pois ele defende que há todo um conjunto de agentes, como certas instituições sociais, que têm influência no condicionamento extralingüístico, a exemplo da igreja, dos clubes, dos partidos políticos e dos sindicatos, logo, a questão normatizadora, ou seja, do uso da norma-padrão, não pode ser responsabilidade única da escola.

Mostraram-se como as mais condicionantes ao fenômeno de alveolarização de /l/ as consoantes seguintes labiodental (.77), alveolar (.74) e plosiva (.73), as vogais precedentes altas [u] (.77) e [i] (.65); enquanto o fator extralingüístico que mais influenciou a realização da variante alveolar foi o *contato moderado com outras variedades dialetais do PB* (.64).

Por sua vez, a velarização foi favorecida pelas consoantes seguintes palatal (.93), velar (.92), bilabial (.77), nasal (.90) e fricativa (79), fronteira vocabular com sândi (.77), vogal precedente média-baixa posterior [ɔ] (.77) e vogal média-baixa anterior [ɛ] (.69), sílabas postônicas (.68) e pré-tônica (.61). O fator extralingüístico *contato moderado com outras variedades dialetais do PB* (.61) também se mostrou como condicionador da velarização da consoante lateral /l/.

A realização da forma vocalizada da lateral pós-vocálica [w] se mostrou condicionada, principalmente, pelo fator extralingüístico *contato moderado com outras variedades dialetais do PB* (.73), pela *faixa etária de até 25 anos* (.71),

pela *consoante plosiva* (.64), pela *vogal precedente baixa* [a] (.61) e pela *fronteira vocabular com sândi* (.69).

### **1.6- Dal Mago (1998) e o comportamento do /l/ pós-vocálico no falar do sul do país**

Dal Mago (1998), em seu trabalho *O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país*, faz uma análise do uso das laterais por parte dos falantes de 12 importantes cidades daquela região: Londrina, Curitiba, Pato Branco, Irati, Florianópolis, Lages, Blumenau, Chapecó, Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi. Para tanto, foi utilizada parte do *corpus* do projeto VARSUL. Os dados se constituíram da transcrição da fala de 96 informantes, sendo estratificados em 8 informantes de cada uma das cidades, levando-se em conta a etnia, a idade, a escolaridade e o sexo.

A autora constatou que a forma semivocalizada se manifesta, sobretudo, nas capitais, porém também é quase categórica em Londrina. Já os falantes das cidades catarinenses de Blumenau e Lages e das paranaenses de Irati e Pato Branco ora utilizam a variante velarizada [ɫ] ora utilizam a semivocalizada [w]. Por sua vez, os falantes de Chapecó e Flores da Cunha mantêm-se utilizando, de forma acentuada, a forma velarizada da lateral, fato que ocorre também em Panambi, onde a velarização é quase categórica.

As variáveis extralingüísticas, principalmente a etnia e região, mostraram-se como as mais relevantes para o processo variacional em questão. Dal Mago (1998) defende que, assim como no trabalho de Quednau (1993), a etnia é fator decisivo, pois os descendentes de italianos mantêm a pronúncia velarizada, quadro que difere um pouco do das cidades de colonização alemã, onde há uma situação bem diferente, a depender da cidade. Em Blumenau há um equilíbrio entre a forma velarizada e a vocalizada, mas com uma tendência à segunda; já em Panambi é quase categórica a velarização.



### 1.7- Quandt (2004) e os estudos da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense

A autora defendeu no segundo semestre de 2004 sua dissertação de título “*O Comportamento da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense*” na UFRJ. Nesse trabalho Quandt (2004) analisou 4.229 ocorrências da lateral anterior em posição pós-vocálica. O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de 78 inquéritos do projeto APERJ<sup>2</sup>. Os inquéritos foram realizados com pescadores, do sexo masculino, estratificados de acordo com a faixa etária: faixa A (de 18 a 35 anos), faixa B (de 36 a 55 anos) e faixa C (de 56 anos em diante).

A pesquisadora registrou, durante a audição, as seguintes variantes de /l/ em posição de coda: vocalização [w], velarização [ɫ], lateral alveolar [l], tepe [r], aspirada [h], aproximante retroflexa [ɭ] e cancelamento [Ø].

Os resultados provaram que a vocalização é predominante também no Rio de Janeiro, já que em 87% das ocorrências assim foi realizada a lateral pós-vocálica, em 9% houve o apagamento, em 3% a lateral foi substituída por um tepe, em 1% substituída por uma aproximante retroflexa, e não houve nenhuma ocorrência de substituição da lateral por uma variante aspirada, nenhuma velarização e nenhuma realização da lateral alveolar.

Após perceber que seria impossível fazer a análise pelo VARBRUL, devido ao imenso número de células geradas, mais de duas mil, Quandt (2004) passou a considerar as seguintes variáveis lingüísticas: *posição do segmento no vocábulo, contexto antecedente, dimensão do vocábulo, tonicidade da sílaba em que incide o segmento, modo de articulação da consoante subsequente, ponto de articulação da consoante subsequente, natureza da vogal subsequente e natureza do segmento subsequente*, sendo desconsideradas as variáveis *contexto subsequente e presença de outra líquida no vocábulo*; entre as variáveis lingüísticas foram

---

<sup>2</sup> Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro

utilizadas apenas: *faixa etária* e *nível de instrução*, desconsiderando-se a *área geográfica*.

Depois da definição das variáveis, Quandt (2004) resolveu adotar a “não-vocalização” como o valor de aplicação, porém os resultados se mostraram insatisfatórios, pois, segundo a autora, estariam sendo influenciados pelo número de cancelamentos, com 397 ocorrências, muito superior ao das outras variantes não-vocalizadas, com 163 ocorrências. Então, ela separou as variantes em duas rodadas diferentes: a primeira, para a vocalização e o cancelamento; e outra, para vocalização e variantes consonantais (tepe, aproximante retroflexa, aspirada e manutenção de [l]).

Os resultados demonstraram que o apagamento da lateral ocorre no nortenoeste fluminense por influência de fatores lingüísticos e léxico-contextuais. Como aconteceu em diversos trabalhos sobre as laterais, a presença de [u] no contexto fonológico precedente favoreceu o apagamento, bem como sua presença diante do glide [w], possibilitou a elisão dos dois elementos.

Inicialmente a autora pensou que a sílaba postônica estivesse favorecendo o apagamento, porém, após revisão no *corpus*, percebeu que ocorria um processo de difusão lexical, já que a maioria das ocorrências eram as palavras “fácil” e “difícil” ou aquelas terminadas com o sufixo “vel”.

Em relação à faixa etária, a autora percebeu que, sobretudo nas localidades interioranas, as variantes consonânticas eram realizadas pelos falantes mais velhos, o que comprova, segundo a autora, que tais variantes são “*resquícios de variantes que predominavam nas regiões, antes que o processo de vocalização se tenha instalado*” (QUANDT, 2004, p. 121).

O último ponto relevante da análise de Quandt (2004) é o de que, semelhantemente aos resultados de Câmara (1977) e Quednau (1993), as vogais posteriores se mostraram como não condicionantes ao fenômeno da vocalização.

### 1.8- Os resultados e os pressupostos de Hora (2006) sobre a vocalização da lateral /l/ no falar pessoense

O trabalho de Hora (2006) utilizou o corpus do VALPB<sup>3</sup>, que é composto de entrevistas de 60 informantes de João Pessoa, Paraíba. Na análise, das 3.703 ocorrências da lateral /l/ em posição de coda, foram 3.109 casos de vocalização [w], 583 de zero fonético [Ø], 8 casos de aspiração [h] e 3 de velarização [ɫ]. Tais resultados se justificam porque Hora (2006) preferiu uma rodada binária, levando em conta apenas as duas primeiras variantes, já que, diferentemente da região Sul, onde a variante velarizada ainda é bastante utilizada pelos falantes, no trabalho desenvolvido pelo autor em João Pessoa, seria irrelevante considerar tal variante na rodada do VARBRUL, o que também ocorreu com a variante aspirada.

Numa primeira rodada, o programa analisou irrelevantes as variáveis *contexto fonológico seguinte e categoria social*, logo, o autor levou em consideração, nas rodadas subseqüentes, apenas as variáveis sociais (*sexo, faixa etária e anos de escolaridade*) e as variáveis estruturais (*contexto fonológico precedente, extensão do vocábulo e tonicidade*).

Entre as variáveis extralingüísticas, foi constatado que, independentemente do sexo, os pessoenses utilizam majoritariamente a variante vocalizada; os resultados para faixa etária demonstraram que as pessoas com *mais de 49 anos* favorecem menos a vocalização da lateral pós-vocálica, peso relativo (.37); enquanto jovens e adultos tiveram resultados muito próximos, sendo: de *15 a 25 anos* (.55) e de *26 a 49 anos* (.58).

Já a variável *anos de escolarização* se mostrou como a segunda mais relevante quanto ao condicionamento do fenômeno em questão, seus resultados apontaram que os falantes com mais anos de escolarização favorecem a vocalização (.63), o que não ocorre com os analfabetos (.23).

---

<sup>3</sup> Projeto de Variação Lingüística no Estado da Paraíba

Quanto aos resultados das variáveis lingüísticas, verificou-se que as vogais anteriores favorecem a vocalização, exatamente o oposto do que ocorre com as vogais posteriores. Hora (2006, p. 40) ainda afirma sobre o apagamento da lateral:

Embora o apagamento da lateral em posição final possa atingir qualquer uma das vogais que preenchem o contexto fonológico precedente, ele será estigmatizado entre as pessoas escolarizadas, exceto se essa vogal for [u]. Em interior de palavra, o apagamento só ocorre se o contexto fonológico precedente for uma vogal posterior, incluindo a vogal [o]. O mesmo não acontece com as demais vogais, que resultarão em itens mal-formados.

Com relação à variável *extensão da palavra*, foi verificado que quanto menor a massa fônica da palavra, maior o favorecimento a vocalização, logo palavras monossilábicas (.52) e dissilábicas (.58) favorecem à semivocalização, o que não ocorre com as polissilábicas (.41) e das trissilábicas (.45). Quanto à *tonicidade silábica* que a posição postônica (.28) é a que mais favoreceu o apagamento da lateral, vindo a pré-tônica (.46) em segundo lugar e a tônica (.56) como favorecedora à forma semivocalizada da lateral.

### **1.9- Sá (2007) e a Variação do /l/ em posição de coda na fala de Arcoverde (PE)**

O *corpus* estudado pelo autor pernambucano foi constituído por entrevistas com duração de 25 a 30 minutos, com 48 informantes de Arcoverde, município localizado no Sertão de Pernambuco, mais precisamente na microrregião do Moxotó, distante 256 km de Recife. Os informantes foram estratificados de acordo com o sexo (24 homens e 24 mulheres), sendo que metade era da zona rural e a outra metade, da zona urbana; foram escolhidas pessoas de três faixas etárias (15 a 25, 26 a 49 e mais de 49 anos); quanto à Escolaridade, Sá (2007) estratificou os informantes em: até 4 anos e mais de 8 anos de escolaridade.

Ele definiu trabalhar com as seguintes variantes da lateral /l/ em posição de coda: [w] semivocalizada com articulação labial, [j] semivocalizada com articulação coronal, [h] fricativa glotal aspirada e [Ø] zero fonético.

Entre as variáveis lingüísticas Sá (2007) decidiu utilizar: *sílaba da coda* (inicial, interna, final em fronteira de palavra e final absoluto), *tonicidade* (tônica, postônica e pretônica), *contexto fonológico precedente* (a, [ɛ], [i], [ɔ], [o] e [u]), *contexto fonológico seguinte* (labiais, coronais e dorsais) e *classe de palavras* (substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, outros).

Após a análise das restrições, o autor constatou que, em Arcoverde, há uma variação estável entre manutenção da forma semivocalizada com articulação labial [w] e o apagamento ou zero fonético [Ø]. Como ele já esperava, os falantes da zona rural, com peso relativo de (.68), apagaram mais a lateral em posição de coda do que os da zona urbana, com peso de (.37).

Com exceção de *adjetivo* e *consoante coronal*, todas as restrições lingüísticas se mostraram condicionantes de uma ou de outra variante. Em relação ao *contexto fonológico precedente*, o autor acredita que “a variação do /l/ não depende da qualidade da vogal precedente, mas do grau de abertura” (SÁ, 2007, p. 60), por isso considerou em sua pesquisa a abertura vocálica, ou seja, *vogal baixa, médias e altas*. Os resultados demonstraram que tanto as vogais médias (.83) e, sobretudo, as vogais altas (.91) condicionam o processo de apagamento da lateral em posição de coda; enquanto a vogal baixa /a/ se mostrou favorecedora da vocalização [w] da lateral, peso relativo de (.73).

Quanto à *tonicidade*, foi excluída da análise a sílaba *postônica*, por não mostrar condicionadora do processo de variação em questão; logo, Sá (2007) utilizou a sílaba *tônica*, que favoreceu a realização da variante semivocalizada, forma de prestígio na comunidade de Arcoverde, com peso de (.61); e a sílaba *pretônica*, que favoreceu o apagamento, peso relativo de (.78).

Os *verbos*, provavelmente pela importância que a presença ou ausência de um segmento fonético-fonológico tem em sua significação, mostraram-se como a *classe gramatical* que mais condicionou a manutenção da variante prestigiada, peso de (.88), seguidos pelos *pronomes*, com peso (.61). Já os *advérbios*, com

peso (.64), constituíram-se na classe que mais favoreceu o *apagamento*, segundo o autor, isto pode ser explicado pelo grande número de advérbios com vogais altas, condicionadoras da utilização de tal variante.

É com base nos trabalhos que acabamos de revisar e na teoria variacionista laboviana que faremos uma análise descritivo-quantitativa do comportamento variável da lateral pós-vocálica em posição de coda no falar tocantinense, a partir da análise da influência das variáveis extralingüísticas: *sexo, faixa etária e escolaridade*; e as variáveis lingüísticas: *contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo, posição da lateral e tonicidade*. No capítulo “metodologia”, descreveremos detalhadamente a escolha de cada variável, bem como definiremos nossas hipóteses, ou seja, etapas decisivas para o sucesso de nossa pesquisa.

## 2- A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

A intenção desse capítulo é mostrar as diversas correntes teóricas que têm orientado os estudos lingüísticos até os nossos dias, e a contribuição de cada uma para a evolução da lingüística como ciência. Será dada uma atenção especial à Sociolingüística e à Teoria da variação, por serem as norteadoras do nosso trabalho.

### 2.1- Primeiros estudos lingüísticos

Na Antigüidade Clássica, os estudos lingüísticos não tinham caráter científico. Como exemplo disto, podemos citar os estudos realizados na Índia, que ocorriam com a intenção de se preservar os textos sagrados dos *Vedas*. A partir daí Panini, no século V a.C., iniciou uma descrição detalhada do Sânscrito, que primava pela sua valorização enquanto língua. Panini também definiu regras gramaticais sobre o sânscrito chamadas “*sutras*”.

Já na Grécia antiga, os estudos lingüísticos surgem com a necessidade que eles sentiam de se adequar a linguagem ao pensamento filosófico. Tais reflexões filosóficas provocaram certas dúvidas, principalmente acerca da origem da linguagem, pois os gregos discutiam se a língua era regida por leis universais ou de forma arbitrária. A partir dessas dúvidas, discussões e reflexões filosóficas, os gregos, através do Estudo Lógico da Linguagem, criaram a gramática normativa que, segundo eles, definiria o “certo” e o “errado” sobre o uso da língua.

Os romanos compartilhavam concepções lingüísticas semelhantes às dos gregos, certas definições diferiam apenas na nomenclatura. O símbolo escrito era chamado “*littera*” em latim e “*grámma*” em grego, o fonema era “*vox*” em latim e “*phoné*” em grego, a representação do som da fala em latim chamava-se “*elementum*” e “*stoikheíon*” em grego.

Os Estóicos e romanos definiram três propriedades para a *littera*. O seu nome (*nomen*), o seu aspecto escrito (*figura*) e o seu som ou valor (*potestas*). Virgílio entre outros autores medievais não considerava a *littera* como algo físico, audível, palpável; comparava a *littera* à alma, que tem uma parte física aparente e uma parte espiritual, pode-se dizer que a *littera* seria o sentido e que, para ele, teria uma relação com as coisas superiores.

Ainda na Idade Média, com a necessidade de se ensinar o latim e sem o conhecimento necessário das regras derivacionais, os paradigmas tornaram-se imprescindíveis. Mas com a experimentação, foi-se verificando que tais paradigmas não satisfaziam completamente as nuances da língua latina e, por volta de 700, fundiram-se esses conceitos com os conjuntos gramaticais de Donato chamados de “*Ars minor*”. Essas são as ancestrais das nossas gramáticas escolares

A partir do Renascimento os estudos da lingüística vêm alternando o seu foco de estudo entre uma abordagem particular e uma universal.

Numa perspectiva particular, a visão medieval de que os fenômenos terrenos transitórios não eram sistematizados e, por isso, não mereciam ser estudados foi trocada pela idéia de que mesmo nos fenômenos arbitrários há certa regularidade.

Como a semântica, a “alma” da palavra, já era tida como óbvia, os lingüistas voltaram-se para outras áreas, como a fonética e a morfologia. Descrições anatômicas recentes como as do italiano Aquapendente serviram de base para os estudos fonéticos realizados na época.

No que tange a morfologia, o que levou Nebrija, autor da primeira gramática do espanhol (1492), e muitos outros estudiosos a usarem as regras derivacionais na explicação do processo de formação das palavras não teve origem no ocidente, mas entre os lingüistas judeus e árabes, que se esforçaram muito na sistematização da morfologia de suas respectivas línguas.



Os gramáticos humanistas como, Guarino Veronese, Antonio Nebrija, Thomas Linacre, Philipp Melanchthon e Lorenzo Vall, vinculados à tradição medieval da “*grammatica positiva*” de caráter universalista, buscavam a manutenção da língua latina como a língua universal, como o único veículo a ser usado para a produção intelectual.

Eles propuseram o uso da língua latina como a ferramenta para manter a Babel sob controle. Não menos universalista, John Wilkins propunha a construção de uma língua artificial, baseada num sistema aristotélico e reforçada com dados empíricos colhidos nas correntes filosóficas naturalistas.

## **2.2- Os estudos lingüísticos no século XIX**

Pela grande diversidade de línguas já existentes na idade média, algumas reivindicando uma antigüidade considerável em relação às outras e por já estarem disponíveis, no século XIX, ferramentas como as noções de fonética articulatória e de morfologia, pôde-se dar início aos estudos históricos acerca da linguagem, a chamada filologia comparativa.

A abordagem particularista chegara ao seu apogeu. Mesmo que a semântica não pudesse ser desprezada, no século XIX, a filologia foi uma das manifestações científicas da tendência evolucionista, o que possibilitou a definição da lingüística como a ciência da linguagem. Max Müller, estudioso alemão radicado na Inglaterra, argumentou que a ciência da linguagem passara pelos mesmos estágios de desenvolvimento – empírico, classificatório e teórico – de outras ciências físicas. Visão não aceita por W. D. Whitney, lingüista americano, o qual afirmou que embora a ciência física e a psicologia tentassem abarcar em seus domínios a lingüística, ela não pertenceria a nenhuma dessas áreas.

A filologia comparativa deu um grande passo quando, em 1822, o alemão Jakob Grimm demonstrou correspondências sistemáticas entre os sons do germânico e do grego, do latim e do sânscrito em palavras de sentido semelhante. Os trabalhos sobre as mudanças sonoras foram se tornando cada vez mais precisos até que, na década de 1860, os Neogramáticos lançaram a idéia de que toda mudança sonora estava sujeita às leis fonéticas regulares.

Os Neogramáticos defendiam que a regularidade das leis fonéticas, em casos especiais, era inibida pela analogia, que também serviria para regularizar as formas anômalas, comparando-as aos padrões mais regulares e produtivos da língua. Como uma criança que fala “fazi” por analogia às formas regulares como “abri” e “comi”.

O lingüista Wilhelm Von Humboldt contribuiu bastante para o desenvolvimento da ciência da linguagem. Para ele a língua possuiria um caráter “externo”, que seriam os sons que moldam as diferentes línguas; e um caráter “interno”, que seria a estrutura, o padrão, a gramática que diferencia uma língua da outra e se impõe sobre a matéria bruta da língua (sons). Humboldt também defendia a idéia de que a língua era algo dinâmico, não um conjunto de enunciados prontos produzidos pelos falantes. A língua seria os princípios e regras que possibilitariam aos falantes produzirem um número ilimitado de enunciados.

Pensamentos baseados nas idéias de Humboldt podem ser percebidos nos trabalhos de Ferdinand de Saussure (1857-1913), mas é com Noam Chomsky na metade do século passado, que tais idéias são retomadas como noções básicas da gramática gerativa.

### **2.3- A lingüística no século XX**

No século passado ocorreu a mesma alternância na abordagem dos estudos lingüísticos, a língua é vista sob uma ótica “universalista” por alguns estudiosos e “particularista” por outros. Tal alternância é percebida claramente nas dicotomias

de Saussure (*langue e parole; significado e significante*) e de Chomsky (*competência e desempenho; estrutura profunda e estrutura de superfície*), mas em ambos a lingüística é tratada sob o foco “universalista”, “sistemático”, “formal”. Tal abordagem recebe, por isso, críticas dos defensores da língua como atividade social por estar sujeita às ideologias dos funcionalistas.

A lingüística no século XX caminhou para uma interdisciplinaridade, pela combinação de seus estudos com os de outras ciências como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a neurociência, a semiologia etc.

## **2.4- As três concepções de língua**

O pensador russo, Mikhail Bakhtin que, por questões políticas e pessoais, teve que publicar várias de suas obras no nome de amigos e discípulos, afirma que a história dos estudos lingüísticos poderia ser dividida em três facetas, de acordo com as concepções de linguagem que os nortearam esses estudos. Dentro dessas facetas estariam contemplados: estruturalistas, gerativistas, funcionalistas e pragmáticos. Segundo Bakhtin, tais concepções seriam:

### **2.4.1- A linguagem como expressão do pensamento**

Nessa concepção de linguagem, que tem Wilhelm Humboldt como um dos seus maiores representantes, a capacidade da pessoa se expressar bem está ligada diretamente à sua capacidade de pensar. Ter um pensamento lógico é indispensável para aquele que desejar se expressar verbalmente ou escrever de forma inteligível ao seu interlocutor, pois nessa concepção a linguagem não é nada mais do que a tradução daquilo que ocorre no interior da mente, o “espelho” do pensamento.

O fenômeno lingüístico fica reduzido a um ato racional, ou como afirma Travaglia (1997, p. 21) *a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo*

*outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece.* Cada indivíduo exterioriza seu pensamento, independentemente do contexto, da intenção de fala ou do interlocutor, por meio de uma linguagem articulada e organizada.

Como a capacidade de se expressar depende também da capacidade de organização do pensamento, é preciso que sejam seguidas regras. Por isso, os defensores da Gramática Normativa ou Tradicional preconizam que, para se saber uma língua, é preciso conhecer a gramática que a normatiza.

É com a Gramática normativa que é reforçada a idéia do que está “certo” e do que está “errado”, noção que serve principalmente para privilegiar algumas variantes lingüísticas em detrimento de outras. Privilégio este que é bem perceptível nas palavras de Franchi (1991, p.48); para ele a gramática normativa é *o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores.* O que serve para atestar que, para aqueles que defendem o uso da gramática tradicional, só quem fala e escreve segundo as normas desta gramática, é capaz de organizar logicamente o seu pensamento.

Para os normativos a língua é um sistema de normas acabado, fechado, abstrato e sem interferência social. Por conseguinte, ignoram toda possibilidade de estudar a língua viva, em uso, como faz a sociolingüística, e não levam em conta também nenhuma outra variante da língua, senão a intitulada culta ou padrão.

Como nesta concepção há uma relação entre linguagem e pensamento, a dificuldades de expressão e os desvios das regras da gramática da normativa são tidos como incapacidade de pensar e raciocinar logicamente.

Para Koch (2002, p.13), *à concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações.* Complementando ela ainda afirma que:

O texto é visto como um produto — lógico — do pensamento (...) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo (p. 16).

#### 2.4.2- A linguagem como instrumento de comunicação

Ligada à Teoria da Comunicação essa concepção atesta que a língua é um sistema organizado de sinais (signos) que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Como se a língua fosse um conjunto de “signos”, que combinados através de regras, possibilitam ao “emissor” transmitir ao “receptor” determinada mensagem. Logicamente, dentro dessa concepção, para que a comunicação seja concretizada é necessário que o código seja utilizado de forma convencionalizada pelo “emissor” e pelo “receptor”. Bakhtin (1997), quando trata da linguagem como instrumento de comunicação afirma que o sistema lingüístico é acabado, em suas formas gramaticais, lexicais e fonéticas, o que garante que todos os falantes de uma mesma comunidade os compreendam.

(...) o sistema lingüístico (...) é completamente independente de todo ato de criação individual, de toda intenção ou desígnio. (...) A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal (p.98).

Nomes como os de Ferdinand de Saussure, fundador do estruturalismo e de Noam Chomsky, que conduziu os estudos da gramática gerativo-transformacional são de fundamental importância para os estudos da linguagem, mesmo que seus estudos se restrinjam aos processos internos de organização do código.

No *Curso de Lingüística Geral* (1969) de Ferdinand de Saussure, o autor aborda a **língua** como um sistema abstrato, homogêneo, geral, virtual, um fato social, *um sistema de signos que exprimem idéias* (p. 24). A língua é considerada por ele como uma instituição social *exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la* (p.22). Ela serve como um elemento de organização social. Cabendo a lingüística estudar a **língua** de forma sistemática, excluindo a

**fala** de tais estudos, pelo fato dela ser constituída de atos individuais. Também não se faz presente nos trabalhos realizados por Saussure qualquer estudo **diacrônico** da língua. Ele faz apenas uma descrição de língua em um estado **sincrônico**. Decorre disso, que o **processo** pelo qual as línguas se modificam não é levado em consideração. O que importa nos trabalhos de Saussure é entender como as línguas funcionam, num dado momento, como meio de comunicação entre seus falantes, partindo de sua análise estrutural e configuração formal.

Estes postulados metodológicos **estruturalistas** serviram para que a lingüística progredisse como ciência e visavam delimitar o objeto de estudo da lingüística e estabelecer os procedimentos metodológicos e teóricos a serem empregados na mesma. Nessa tentativa de delimitar o objeto de estudo é que os estruturalistas definiram que o fonema seria a unidade mínima da análise fonêmica, que os pares mínimos são constituídos pela oposição entre dois fonemas e que os alofones caracterizam a variação expressa pela distribuição complementar.

O fato de o estruturalismo definir o fonema como sua unidade mínima de análise tem, metodologicamente, um papel importante, pois permite a segmentação do **contínuo da fala**. Todavia alguns pontos falhos desse modelo serviram de base para o surgimento de uma teoria **gerativista** que viesse contribuir para sanar tais problemas, como:

A não competência estruturalista em criar uma oposição entre dois segmentos, o que já a partir do círculo lingüístico de Praga, que tinha entre vários pesquisadores nomes como os de Vilém Mathesius, Nikolai Trubetzkoy e Roman Jakobson; torna-se viável, pois, ao contrário do proposto pelo estruturalismo, a oposição entre dois fonemas não pode ser explicada simplesmente pelos próprios fonemas, mas pelas propriedades que eles possuem em comum com outros segmentos. Tem início assim uma perspectiva teórica de base segmental, em que os fonemas a serem estudados são tratados como um conjunto de traços ou propriedades distintivas. É a análise desses traços, que indica a presença ou a ausência de cada propriedade, formando o que Jakobson, Fant e Halle (1951) no

seu “*Preliminaries to speech analysis*” chamam de “*feixe de traços distintivos*”, que fundamentaram a proposta de representação segmental utilizada pela fonologia gerativa padrão.

Além desse trabalho na área da fonologia, a Escola de Praga também serviu de influência para trabalhos ligados ao caráter funcional da língua. O alemão Karl Bühler, em sua análise funcional da linguagem, reconheceu três funções básicas desempenhadas por ela, seriam: a função cognitiva, função expressiva e função conativa. A função cognitiva se refere ao seu caráter de transmissor de informação; a função expressiva se refere à indicação de ânimo, humor, atitude do interlocutor; e a conativa se refere à utilização da linguagem para influenciar, provocar reação ou convencer o ouvinte daquilo que se quer.

O que também serviu de estopim para a criação de uma teoria gerativista foi o fato de o modelo estruturalista ser incapaz de expressar generalizações dos sistemas fonológicos, já que nesse modelo o fonema é tido como unidade mínima distinta que tem relações com seus alofones em determinados contextos, mas não apresentam um relacionamento com outros fonemas.

A teoria gerativa-padrão formaliza um mecanismo capaz de expressar tais generalizações e Chomsky, já na década de 50, critica o estruturalismo pelo fato dele não se ater ao caráter criativo da linguagem. Daí o termo **gerativa**, pois permite que com um número finito de categorias e regras (**Competência**), o locutor-ouvinte de uma língua possa **gerar e interpretar** um número infinito de frases dessa língua (**performance**), que é a concretização da competência através da fala e da escrita. Embora seja possível notar a influência dos conceitos saussurianos de *Langue* e *Parole* nas noções de *Competência e Performance* de Noam Chomsky, o segundo substitui uma concepção estática da língua por uma concepção dinâmica.

Na verdade, tanto Saussure quanto Chomsky ignoram a situação real de uso, assim como Saussure não se interessa pela fala, Chomsky não tem a performance como objeto de estudo, trata apenas do abstrato e virtual (a língua e a

competência). O homem é isolado de seu contexto social, e não são reconhecidas as condições de realização dos enunciados.

Enquanto no estruturalismo o papel do falante no sistema lingüístico é excluído, pois não há interlocutores, apenas emissores e receptores, codificadores e decodificadores, o gerativismo tem como base, segundo Suassuna (1995, p.74) *em um modelo traçado com base em uma comunidade lingüística homogênea, formada por falantes-ouvintes-ideais, com a conseqüente desatenção às variações lingüísticas.*

Travaglia (1997, p.22) reforça o que disse Suassuna (1995, p.74):

Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização – na fala (cf.Saussure) ou no desempenho (cf. Chomsky). Isso fez com que a Lingüística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista – que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua – e separa o homem no seu contexto social.

A noção de sujeito nessa concepção para Koch (2002, p.14):

Corresponde a de sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não-consciência”. E ainda complementa dizendo que “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser codificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito.

O decodificador assume um papel passivo, tendo em vista que a informação deve ser recebida tal qual havia na mente do emissor.

#### **2.4.3- A linguagem como forma ou processo de interação**



Na segunda metade do século XX a lingüística sofre o que Weedwood (2002, p.145) chama de uma “guinada pragmática”, com os lingüistas se preocupando não apenas com a estrutura abstrata da língua e o seu sistema, mas com o uso que os falantes fazem da mesma.

Como diz Travaglia (op. Cit, p.23), *nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)*. Tem-se, portanto, uma visão interacionista que se antepõe às visões estruturalista e gerativista que tratam a língua como um objeto autônomo, que nada depende de fatores históricos, sociais ou mesmo situacionais. Essa terceira concepção da linguagem coloca no centro da discussão o sujeito da linguagem, as condições de produção do discurso, os fatores sociais que o implicam, as relações de sentido estabelecidas entre os interlocutores, a intenção, a argumentação e até mesmo a ideologia.

É através dessa interação comunicativa, que produz efeitos diferentes dependendo dos sujeitos sociais e dos contextos sócio-histórico-ideológicos nos quais tais sujeitos estejam inseridos, que é constituída a linguagem. Em vez de se estudar os aspectos gramaticais que não visam, senão descrever morfologicamente ou sintaticamente a língua, a sociolingüística variacionista laboviana busca estudar a língua em situações de interação, aponta as diferenças de uso e de sentido existentes para um mesmo vocábulo da língua, além da influência de variáveis extralingüísticas tais como: sexo, idade, escolaridade e classe social nos níveis fonológico, morfossintático e semântico.

Pode-se dizer que locutor constrói seu discurso segundo suas intenções comunicativas, seleciona o vocabulário, variantes fonológicas e até mesmo semânticas que permitam ao seu discurso adequar-se ao contexto. Por isso, faz-se necessário ao locutor levar em consideração o seu interlocutor, preocupando-se para que seu discurso seja compreendido dentro do contexto que estiverem inseridos e assim atinja a sua intenção comunicativa.

Bakhtin afirma que todo signo é ideológico e que a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Ele considera que toda modificação de ideologia encadeia uma modificação da língua e a variação é inerente à língua e reflete variações sociais.

Para ele, o interlocutor não é um elemento passivo, ao contrário, desempenha um papel imprescindível ao diálogo. *Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se um terreno que não pode ser chamado de 'natural' no sentido usual da palavra.* (BAKHTIN, 1979, p. 21). A própria consciência individual é um fato sócio-ideológico. Inclusive, a etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que tem é ideológica, histórica e condicionada por fatores sociológicos. O pensamento é, ao mesmo tempo, pertencente e subordinado aos sistemas ideológico e do psiquismo.

A palavra (o signo) é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios, os conflitos de classe se refletem nos conflitos da língua, pois comunicação verbal implica relações de dominação, resistência ou adaptação à hierarquia. Todo signo ideológico tem duas faces, pois toda crítica pode tornar-se um elogio e toda verdade pode parecer para alguns a maior das mentiras. Em Bakhtin (1979) vemos as noções de Dialogismo Externo, seqüência de fala de dois ou mais interlocutores; e Dialogismo Interno, quando dentro do enunciado ressoam duas ou mais vozes ideológicas: as vozes que o precedem, o já-dito, e as vozes virtuais que podem segui-lo, o não-dito. Bakhtin chega a alegar que o único discurso não permeado por essa polifonia seria o discurso do homem “adâmico”, ou seja, o do Adão bíblico.

O psiquismo e a ideologia estão em “interação dialética constante”, sendo que *o signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico* (BAKHTIN, 1979, p.50). Para o autor russo, a palavra veicula a ideologia, que é uma superestrutura, e as transformações sociais refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula. O material semiótico do psiquismo pode ser constituído de

todo gesto produzido pelo organismo que se torne expressivo: a respiração, a circulação, a mímica, a reação aos estímulos exteriores, o discurso interior, etc.

Outros conceitos bakhtinianos importantes são os de forças centrípetas e forças centrífugas, que indicam a existência de uma luta constante entre as vozes que circulam socialmente. Para ele, não há nenhuma neutralidade na circulação das vozes.

Bakhtin (1979, p.95) critica o Estruturalismo e Gerativismo, correntes teóricas que reduzem a linguagem a um sistema abstrato de formas (objetivismo abstrato) ou a uma enunciação monológica (subjativismo idealista). Ele afirma que:

(...) na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com o sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular.

O enunciado só adquire sentido pela compreensão ativa entre os sujeitos, é o efeito da interação dos interlocutores. O caráter dialógico é o cerne da concepção da linguagem em Bakhtin. Na concepção interacionista, a linguagem é entendida como um dos aspectos das diferentes relações que se estabelecem historicamente em nível sócio-cultural. Para Koch (2002, p.9) a concepção interacionista da linguagem é:

aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos.

Nesta visão sociointeracionista da linguagem, percebe-se as variantes lingüísticas de maneira bem diferente das visões estruturalista ou gerativista, nela não há o “certo” e o “errado”, o “aceitável” e o “inaceitável”, entende-se que todas as variantes existentes na sociedade pertencem à língua. A própria norma

culta é tida como uma das variantes dessa língua, uma possibilidade a mais de uso e não o único uso lingüisticamente correto.

## 2.5- A sociolingüística variacionista

O nosso trabalho tem como arcabouço teórico-metodológico a Sociolingüística variacionista (quantitativa), que está ligada intrinsecamente ao nome de William Labov, responsável pelo reconhecimento da sociolingüística como ciência.

Há muitos séculos, a humanidade vem demonstrando curiosidade em estudar a língua e suas nuances, mas antes de Labov os estudos lingüísticos não tinham como objeto de estudo os processos de variação e mudança da língua e sua correlação com os fatores sociais e estruturais que os condicionam, que são objeto de estudo da chamada Sociolingüística Variacionista, impulsionada a partir dos anos 60 do século passado.

A metodologia empregada por Labov recebeu forte influência do trabalho de Uriel Weinreich e trata a sociolingüística como uma opção pelo *realismo empírico frente às ortodoxias* (LABOV, 1983, p.12), o que não significa que o trabalho de cunho sociolingüístico variacionista desenvolvido por Labov caia em um descritivismo sem alcance teórico, sem nenhuma fundamentação do conhecimento intersubjetivo em uma lingüística social, que incorpore como seu objeto principal de estudo a fala ou o discurso em situações de interação e a influência que estes recebem do sistema social em vigor.

Por fazer opção por esta corrente teórica Labov vai de encontro com alguns pressupostos lingüísticos de caráter ortodoxo, pois:

...a) estabelece uma separação entre o estudo da estrutura e o estudo do cambio lingüístico; b) desemboca na afirmação da não relevância do estudo do cambio, e conseqüentemente de sua relação, ao menos como indicador, com respeito ao cambio social; c) desdenha da significatividade de que expressões tomadas como equivalentes

variem de forma heterogênea; d) não considera pertinente contar com a avaliação pelos mesmos falantes de seus modos e estilos discursivos (LABOV, 1983, p.3).

Tal ruptura proposta por Labov faz com que, em *Sociolinguistic Patterns*, ele adotasse uma postura autocrítica com relação à metodologia empregada, à definição das variáveis, à coleta dos dados e à representatividade das amostras, o que resulta no descobrimento de regras observadas empiricamente e validadas na prática discursiva.

A idéia que Labov tem da sociolinguística não implica numa empiria sem nenhuma fundamentação teórica, mas tal fundamentação apenas norteia metodologicamente os trabalhos investigativos a serem realizados, não limitando o campo de estudos do lingüista. Na obra de Labov não é percebida, em momento algum, uma separação entre sociolinguística e lingüística. Para ele o próprio termo **sociolinguística** é redundante, pois como ele mesmo afirma *a linguagem é uma forma de comportamento social*. (LABOV, 1983, p.235) ou ainda “Em que sentido pode a sociolinguística ser considerada como algo aparte da lingüística?” (LABOV, 1983, p.235).

Labov pode ser considerado um sociólogo da linguagem pela influência que sua obra recebe de Fishman (1968, p.6), o qual considera que *a sociologia da linguagem vê a sociedade como mais ampla que a linguagem, e, conseqüentemente como o contexto em que toda conduta lingüística pode em última instância ser considerada*. **A sociologia da linguagem trata dos grandes fatores sociais e de suas mútuas interações com as línguas e os dialetos** (LABOV, 1983, p.235). Este ramo da sociolinguística aborda questões sobre a assimilação e decadência de línguas minoritárias, o bilingüismo, a padronização das línguas e o desenvolvimento lingüístico de novas nações.

Ele também inclui no campo de estudo da sociolinguística o que Hymes (1962) designou como *etnografia da fala* que tem como eixo norteador *a descrição e análise das pautas de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica* (LABOV, 1983, p.236). É a etnografia da fala que define as regras

para a seleção dos falantes, trata das inter-relações entre falante e receptor, da audiência, do tema, do canal e o marco, bem como dos recursos usados pelos falantes para realizar determinadas funções da língua.

De todas as características que Labov apresenta quanto à sua forma de entender e fazer a sociolinguística vale ressaltar algumas:

- 1- A não exclusão das pautas de prestígio, não excluindo, por conseguinte, a auto-avaliação dos falantes como fonte de dados.
- 2- A compreensão da língua como heterogênea e condicionada por fatores extralingüísticos. Além da consciência de que ela está em constante mudança.
- 3- A aceitação e o respeito dos paradigmas chomskianos, ao mesmo tempo em que critica os pressupostos da Gramática Gerativista: a agramaticalidade da fala e a homogeneidade da comunidade lingüística.
- 4- A inseparabilidade do domínio da linguagem e o da interação social. Labov observa a língua como um dos mecanismos de controle, pressão e estratificação social, atentando também para elaboração das normas de prestígio da língua.
- 5- A escolha do câmbio lingüístico em curso como base para explicar a língua como um mecanismo social.

Tal necessidade do estudo da mudança lingüística em tempo real, proposta inicialmente por Labov, enfrenta dois problemas básicos para o seu reconhecimento como ferramenta metodológica para os estudos variacionistas. O primeiro deles é a discussão da validade da hipótese clássica sobre a aquisição da linguagem, a qual defende a posição de que tal aquisição se daria até o final da puberdade (mais ou menos aos 15 anos). O segundo problema se refere ao fato de que nem sempre as correlações feitas entre o fenômeno estudado pelos

sociolinguistas e variável idade apresentam índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua. A presença de uma variante lingüística na fala dos mais jovens pode indicar o surgimento de uma nova forma de realização da língua, ou seja, uma **mudança lingüística** propriamente dita; mas também pode sugerir uma variante utilizada pelos jovens daquela comunidade geração após geração, o que constitui um processo de **variação estável**.

Paiva e Duarte (2003) afirmam que *a maneira mais adequada de solucionar esses problemas é pela conjugação das evidências obtidas através do estudo da mudança em tempo aparente com as evidências fornecidas pelos estudos em tempo real.*

Os estudos de variação lingüística em tempo aparente presumem que o comportamento lingüístico diferenciado entre os mais jovens, em um determinado momento, implicaria numa mudança gradual na fala das gerações posteriores. A mudança em tempo aparente também parte do pressuposto de que a variante utilizada por uma pessoa 60 anos representa a utilizada há 45 anos, quando este falante estaria acabando seu processo de aquisição da linguagem ao sair da puberdade.

Já os estudos em tempo real são realizados pela utilização de técnicas da Lingüística Diacrônica, através de registros de fala da comunidade estudada em estágios anteriores. Mas também podem ser realizados pelo confronto de amostras de fala da mesma comunidade; conhecido como estudo do tipo “tendência”, ou do mesmo indivíduo, estudo tipo “painel”; em lapsos temporais de longa ou de curta duração.

Para Weinreich, Labov e Herzog (1968) a comparação de duas amostras em intervalos distintos permite a verificação do progresso de determinada mudança na língua, além de sua trajetória estrutural e social. Para Paiva e Duarte (2003), a constatação dessas interrelações *permite a construção de uma teoria*

*mais abrangente sobre os processos de mudança lingüística. (PAIVA; DUARTE, 2003, p.190).*

Entendemos que, para que se conheça o funcionamento de uma língua, é necessário que compreendamos seus processos de variação e mudança, de forma que não tenhamos a visão de língua como algo estanque, pré-concebida, imutável. A língua se constitui no uso e é assim que a mesma deve ser estudada.



### 3- METODOLOGIA

Como já afirmamos, a base metodológica deste trabalho é o modelo laboviano. Neste capítulo, descreveremos como se processará tal metodologia, no que tange à população selecionada para a pesquisa, aos parâmetros utilizados para formação de nossa amostragem, ao processo utilizado na coleta de dados (formação do Corpus) e ao método de análise estatística computacional (GOLDVARB). Observaremos também as variáveis dependentes e as independentes (lingüísticas e sociais) que se correlacionam ao objeto de estudo na realização das variantes em questão.

#### 3.1- População alvo

Em nossa pesquisa utilizamos as entrevistas do corpus de Araguatins do projeto VALTINS (Variação Lingüística do Tocantins), projeto este que engloba várias pesquisas sociolingüísticas e que visa descrever as variantes lingüísticas utilizadas pela comunidade tocantinense, no que tange os aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e, a exemplo de nossa pesquisa, fonológicos. Além de Araguatins, outras duas cidades foram utilizadas para composição dos *corpora* do projeto VALTINS: Paranã, cidade histórica situada no extremo sul do estado do Tocantins, na divisa com o estado de Goiás; e Porto Nacional, também muito importante historicamente para o Tocantins e que se localiza na parte central do estado, a cerca de 60 km da capital.

Araguatins está situada na microrregião do Bico do Papagaio, na divisa do Tocantins com o estado do Pará e bem próxima à divisa com o Maranhão, estando a uma distância de 621 km da capital do Tocantins, Palmas. A cidade possui uma área de 2.297,3 Km<sup>2</sup> e está limitada ao norte com: Esperantina, São Sebastião do Tocantins e Buriti do Tocantins; ao sul com: São Bento do Tocantins e Ananás; ao leste: Axixá do Tocantins, Itaguatins e Sítio Novo do Tocantins; e ao oeste com os municípios de Palestina e Brejo Grande do Araguaia, ambos pertencentes ao

estado do Pará. De acordo com o censo do IBGE realizado no ano de 2008, sua população é de 26.722 habitantes.

O povoamento inicial de Araguaatins se deu com a chegada da família de Máximo Libório da Paixão, no ano de 1867, chegando à cidade, no ano seguinte, Vicente Bernardino Gomes, dando início à exploração econômica do município com o extrativismo vegetal.

Em 1872, a Lei Provincial nº. 691 reconheceu o local como povoado, dando-lhe o nome de São Vicente do Araguaia, passando a condição de município só no ano de 1913, porém, devido a problemas políticos, o município só foi instalado em 01 de janeiro de 1949.

Em 31 de dezembro de 1943, o município de São Vicente passaria a se chamar de Araguaatins, a escolha do nome se deu justamente pelo fato de a cidade estar próxima da confluência dos rios Araguaia e Tocantins. Porém, a partir desta data, Araguaatins foi rebaixada à condição de distrito de Itaguatins, condição em que permaneceu até 1948, quando, por outro Decreto-lei do Estado de Goiás, foi reconduzida à situação de cidade.

Araguatins possui diversos povoados, sendo os principais: Estiva, Santa Luzia, São João do Araguaatins, Transaraguaia, Taguarazinho, Lagoa e Natal. No município há cerca de 24 praias e várias ilhas, as mais importantes são: Ilhas Rebojo ou Carmo, dos Defuntos, das Antas, São Vicente, Viração, da Montanha e Sapucaí, além várias outras que se formam no Rio Araguaia durante o período de estiagem.

A economia da cidade, bem como de toda a região do Bico do Papagaio, é baseada na pecuária; no extrativismo vegetal, sobretudo, na coleta do coco de babaçu; na agricultura de subsistência; na pesca, inclusive, Araguaatins possui a maior, mais antiga e mais importante colônia de pescadores do estado do Tocantins; e, principalmente, no turismo, tendo em vista que, no verão, as praias

do Rio Araguaia atraem um número considerável de pessoas do Tocantins e de outros estados, como: Maranhão, Pará, Goiás e Piauí, entre outros.

Como se pode perceber, para escolha das cidades, foram levados em consideração dois fatores preponderantes: a posição geográfica e a importância histórica de cada uma das cidades para o estado do Tocantins.

No que tange à importância histórica de Araguatins, não se pode esquecer a Guerrilha do Araguaia, que representa o conjunto de operações guerrilheiras, encabeçadas pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), contra o governo militar do General Garrastazu Médici, da qual a cidade foi palco entre os anos de 1966 e 1974.

É nesse contexto sócio-histórico-geográfico que está inserida a cidade de Araguatins, a escolhida para a realização das entrevistas que servirão como *corpus* para o presente trabalho.

### 3.2 Amostragem

Pelo fato de o estado do Tocantins ter sido desmembrado do Norte do estado de Goiás e se constituir como estado somente a partir da Assembléia Nacional Constituinte de 1998, e não possuir até o início do nosso projeto, um *corpus*, ao qual pudéssemos recorrer para fazermos a nossa pesquisa, tivemos que constituí-lo.

Fizemo-lo através de uma **amostra seletiva aleatória**, a partir de 36 informantes da cidade de Araguatins, estratificados de acordo com o sexo (18 homens e 18 mulheres); a faixa etária (15-25, 26-49 e acima de 49 anos) e os anos de escolarização (1-5, 6-9 e 10 ou mais).

As entrevistas tiveram uma duração média de 1 (uma) hora cada e foram realizadas nos locais onde os entrevistados se sentiam mais à vontade e com a

menor incidência de ruído ou interferência de terceiros. Sendo assim, utilizamos, na maioria das vezes, a residência do informante no processo de gravação das entrevistas; quando a residência não fornecia o silêncio necessário, convidamo-los a realizarem as entrevistas em outro lugar mais adequado, no caso, ou no hotel onde ficávamos hospedados ou na sede da colônia de pescadores de Araguatins. Vale salientar, inclusive, que alguns de nossos informantes são pescadores, o que enriqueceu ainda mais os depoimentos acerca da história e da cultura araguatínenses.

Tais entrevistas foram conduzidas visando deixar os entrevistados bastante descontraídos e à vontade para falarem dos assuntos que mais lhes interessassem, como a sua família, os amigos, o trabalho, sua religião, seu relacionamento amoroso, o futebol, sua infância, risco de morte, as temporadas de praia em Araguatins, entre outros. Tudo isso com o mínimo possível de interferência do entrevistador, para evitar o que Labov (1972) chama de *paradoxo do observador*, quando nós, pesquisadores, tentamos deixar o entrevistado mais à vontade e na interação com o mesmo, sem perceber, condicionamo-lo a utilizar a variante lingüística da qual fazemos uso e que, muitas vezes, não é a utilizada pelo entrevistado.

Após a coleta dos dados, foi feita a transcrição fonética, isolando o fenômeno em questão, embasada no programa **Varição Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)** e, para o tratamento estatístico necessário em uma pesquisa de base sociolingüística, foi utilizado o programa computacional GOLDVARB 2001, que descreveremos posteriormente.

### **3.3 - Definição operacional das variáveis**

As variáveis utilizadas em nossa pesquisa foram estratificadas em dois grupos: o da variável dependente e o das variáveis independentes, sendo que este último foi subdividido em variáveis lingüísticas e extralingüísticas (sociais).

### 3.3.1- Variável dependente

Mollica (2003) defende que *uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.*

A variável dependente que analisaremos será a consoante lateral pós-vocálica, /l/, em posição de coda, que pode apresentar como variantes: velarização [ɭ], vocalização [w], aspiração [h] e o zero fonético [Ø].

A hipótese que sustentamos é a de que, no Tocantins, assim como ocorre na maior parte do país, predomina a utilização da variante semivocalizada [w] e que se sucedem, numa ordem hierarquicamente decrescente: o apagamento (zero fonético) [Ø], a aspiração [h] e, em vias de desaparecimento, a variante velarizada [ɭ].

### 3.3.2- Variáveis independentes

As variáveis independentes são aquelas que, mantendo certa relação com a variável dependente, podem ou não condicionar o seu caráter variável. Nessa pesquisa, elas foram divididas em variáveis lingüísticas e extralingüísticas ou sociais.

#### 3.3.2.1- Variáveis extralingüísticas (sociais)

As variáveis indicam as condições de realização de um processo variável. Como exemplos dessas variáveis teríamos, pois, o sexo do falante, sua idade, sua escolarização, sua atuação no mercado de trabalho, sua classe social, seu local de residência, sua raça, sua religião etc.

Segundo Mollica (2003) a interferência das variáveis sociais *pode ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.*

Consideramos relevante a seleção de apenas três variáveis sociais, são elas: sexo, anos de escolarização e faixa etária.

### 3.3.2.1.1- Sexo

Ao longo dos estudos sociolingüísticos a variável sexo tem se mostrado como uma das que mais condiciona o uso de determinadas variantes.

Fischer (1958) faz a primeira referência à importância da variável sexo em seu trabalho intitulado *Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas*. No referido trabalho se afirma que as formas de prestígio, tanto no nível fonológico quanto morfossintático e semântico são as preferidas pelas mulheres.

Normalmente as mulheres assumem uma postura mais conservadora em relação às variantes tidas como padrão em sua comunidade de fala. É comum que elas só inovem lingüisticamente, quando a variante em questão não for estigmatizada socialmente.

Tannen (1990) e Couthard (1991) afirmam que pelo fato de o homem ter a reponsabilidade de assumir uma postura inovadora e independente que garanta o seu espaço, está mais propenso a manifestar-se de forma também inovadora no uso da linguagem.

Chambers (1995, p. 103) chama a atenção para algo muitas vezes ignorado por alguns lingüistas. Ele adverte para que não tratemos o **gênero** como sendo a mesma coisa que **sexo**, pois assim *nos arriscamos a cair em uma super-simplificação, pois sexo...é uma característica biológica; e gênero é uma aquisição social*. O Sexo não determina que o papel da mulher na sociedade é X e

que o do homem é Y. Logicamente que há tarefas, como a gestação e a amamentação, que são inerentes da natureza feminina, mas nada impede que uma mulher seja motorista de ônibus ou mecânica de automóveis. Bem como um homem, em dados contextos, poderia desempenhar funções sociais normalmente desempenhadas por uma mulher.

Outros autores atuais também fazem referência à variável sexo como de grande influência nos processos de variação em diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico). Temos como exemplo disso Paiva (2003, p. 34), que verifica a existência na fala carioca de *um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente*.

Mas levando em consideração as afirmações de Chambers (1995) e Mollica (2003) poderíamos inferir que os homens ao desempenharem funções, que normalmente são desempenhadas por mulheres, como educar os filhos, também estariam mais propensos a usarem as variantes lingüísticas que gozam de maior prestígio.

Porém, por acreditarmos ser muito difícil delimitarmos em que situações uma mulher estaria tendo uma postura lingüística inerente ao gênero masculino e vice-versa, adotaremos metodologicamente a variável extralingüística *sexo* em vez de gênero. E nossa hipótese é que esta variável será uma das que mais condicionará o uso que se faz da lateral pós-vocálica no falar araguatinsense. Logo, os *homens* possuem uma maior propensão ao apagamento do /l/ pós-vocálico, enquanto as mulheres favorecerão a regra de manutenção da forma semivocalizada da lateral.

### **3.3.2.1.2- Faixa etária**

A faixa etária é uma das variáveis sociais mais importantes para o estudo de qualquer processo de variação lingüística, pois é a partir dela que verificamos

se o processo representa uma **variação estável** ou **mudança em curso** como cita Labov (1972) em seu estudo em Martha's Vineyard. O processo de variação seria estável, quando tanto jovens quanto velhos o realizam indistintamente; enquanto que a mudança em curso ocorre, quando o processo variacional é ascendente em relação às faixas etárias mais jovens.

Chambers (1995) no seu *Teoria Sociolingüística* afirma que *como a classe e o sexo, a idade exerce uma influência irrepreensível sobre nós como seres sociais*. Para ele a classe social é algo que pode oferecer mobilidade, desde que haja políticas econômicas que busquem isso. E as diferenças sociais entre os sexos estão cada vez menores, mas a nossa idade não pode ser alterada jamais. *A idade tem quase que um papel autocrático em nossa vida social e, isso também se faz presente no nosso desenvolvimento lingüístico* (CHAMBERS, 1995, p. 146). Por esta afirmação de Chambers, concluímos que, através da variante lingüística que determinado falante utilize, podemos ter uma idéia da idade que ele ou ela tem.

A Sociolingüística comunga com o Gerativismo a idéia de que o processo de aquisição da linguagem se encerra no final da puberdade, ou seja, mais ou menos aos 15 anos de idade, o que implicaria dizer que uma pessoa com 75 anos em 2009 falaria como há 60 anos, em 1949.

Por isso, devido a não existência, na maioria das vezes, de dados lingüísticos que representem a comunidade de fala depois de tantos anos, o que caracterizaria uma pesquisa em tempo real, optamos, comumente, por uma pesquisa em tempo aparente, na qual estratificamos a faixa etária, de forma que possamos verificar se há alguma diferença entre os falares dos informantes das faixas etárias pré-definidas.

No nosso trabalho, utilizamos a metodologia da pesquisa em tempo aparente e elegemos, na variável **faixa etária**, a seguinte estratificação:



**Tabela 01 – Estratificação das faixas etárias**

<b>JOVENS</b>	De 15 a 25 anos
<b>ADULTOS</b>	De 26 a 49 anos
<b>IDOSOS</b>	Com 50 anos ou mais

Em pesquisas sociolingüísticas, parte-se do pressuposto de que os falantes mais jovens (de 15 a 25 anos) geralmente fazem uso de variantes inovadoras; os mais idosos (com 50 anos ou mais) usam as variantes ditas conservadoras; enquanto o grupo intermediário, na fase adulta (de 26 a 49 anos), mais condicionado pelo mercado de trabalho, mescla as variantes mais inovadoras e as mais conservadoras.

Obviamente, isto está diretamente condicionado pelo fato de a variável “inovadora” gozar ou não de prestígio lingüístico, ou seja, ser ou não estigmatizada. No caso específico do apagamento da lateral pós-vocálica, não percebemos, empiricamente, nenhum estigma em relação à supressão do /l/, quando no contexto precedente está um /u/, diferentemente do que acontece diante de outras vogais.

Logo, supomos que os resultados para a variável *faixa etária* demonstrarão que, mesmo sendo uma pesquisa de base sociolingüística, serão diretamente condicionados pela variável contexto fonológico precedente.

### **3.3.2.1.3- Anos de escolarização**

O nível de escolaridade é a variável social de mais fácil detecção, tanto no nível da fala quanto no da escrita, devido ao caráter tão dispar que assume e as marcas tão fortes que deixa no discurso de cada indivíduo. A escolarização pode interferir na escolha do léxico, na concordância, na escolha da variante fonológica, entre outros e, por conseguinte, influencia diretamente na utilização

que os falantes fazem das variantes que têm a sua disposição. Geralmente, as variantes estigmatizadas são as utilizadas por aqueles indivíduos de menor escolaridade e as variantes tidas como padrão, socialmente privilegiadas, são mais utilizadas por indivíduos com mais anos de escolarização.

Votre (2003) afirma que a escola funciona como “preservadora de formas de prestígio”, logo, quanto mais escolarizado for o falante, maior será a seleção que ele faz das variantes prestigiadas. Para ele, a variável social “anos de escolarização” é grande condicionadora da forma como as pessoas fazem uso da língua.

A escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as freqüentam e das comunidades discursivas. Constatase, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face às tendências de mudanças em curso nessas comunidades. (VOTRE, 2003, p. 51)

Votre (2003) também faz algumas considerações sobre o *paradoxo do observador* (Labov, 1972), que de acordo com o nível de escolaridade do entrevistado pode ser aguçado. Por isso ao entrevistarmos alguém com um nível de escolaridade mais elevado, devemos ter um cuidado redobrado para não conduzirmos a entrevista de forma que o entrevistado formalize o seu discurso.

Em projetos de pesquisa que privilegiam a língua falada, em situação de entrevista, aparecem apreciavelmente nítidas as interferências do grau de formalismo da gravação, como um efeito secundário e indireto da escolaridade (VOTRE, 2003, p. 55).

Por levarmos em consideração todos esses trabalhos, estratificamos nosso corpus em três níveis de escolaridade: *0 a 5 anos de escolarização; 6 a 9 anos de escolarização; e 10 anos ou mais de escolarização.*

Acreditamos que esta variável é, entre as sociais, a que tem maior relevância no processo de variação em questão. Logo, quanto mais *anos de escolarização* tiver nosso informante, maior será a tendência da manutenção da

variante semivocalizada [w] da lateral e, por conseguinte, menor a tendência ao apagamento [Ø], que deverá ocorrer, predominantemente, entre os falantes com menor escolaridade.

### 3.3.2.2 - Variáveis lingüísticas (estruturais)

As variáveis lingüísticas são aquelas inerentes à natureza lingüística, por este motivo também são chamadas de variáveis estruturais. Podem ser de natureza morfológica, sintática, fonético-fonológica e semântica. Em nossa pesquisa levamos em consideração as seguintes variáveis:

#### 3.3.2.2.1- Contexto fonológico precedente

Como em nosso trabalho analisaremos a consoante lateral em contexto pós-vocálico /l/, o contexto fonológico precedente será composto, justamente, pelas vogais orais de nossa língua, sendo:

**Tabela 02 – Contexto fonológico precedente**

<b>Tipo/altura</b>	<b>Exemplos</b>
Vogal alta posterior [u]	Raul, sul, multa
Vogal alta anterior [i]	Anil, barril, Brasil
Vogal média posterior [o]	Bolsa, solto (adjetivo)
Vogal média anterior [e]	Eldorado, saudável
Vogal média-baixa posterior [ɔ]	Volta, solto (verbo)
Vogal média-baixa anterior [ɛ]	Anel, bacharel
Vogal baixa [a]	Natal, carnaval, planalto

Com base nos resultados dos trabalhos já realizados no Brasil sobre a consoante lateral, partimos do pressuposto que haverá uma maior propensão ao zero fonético [Ø] quando, no contexto fonológico precedente, estiver uma vogal posterior, sobretudo, /u/.

Seria improvável a contigüidade de dois segmentos semelhantes, pelo *Princípio da Saliência Fônica* (NARO; LEMLE, 1977, p. 259 a 268). As formas mais salientes, ou seja, mais marcadas têm maior chance de serem mantidas, assim se explicaria, por exemplo, por que há uma maior probabilidade de ocorrer o apagamento da lateral pós-vocálica depois de vogais posteriores, principalmente depois de [u], em comparação a outros contextos precedentes. Inclusive, Hora (2006, p.39) é taxativo ao afirmar: *defendemos a idéia de que o grau de saliência aumenta à medida que passamos da vogal posterior alta [u] para as vogais não posteriores.*

### 3.3.2.2.2- Contexto fonológico seguinte

Classificamos as vogais e consoantes do contexto fonológico seguinte em:

**Tabela 03 – Contexto fonológico seguinte**

<b>Contexto</b>		<b>Exemplos</b>
Labial	[p,b,m,f,v]	Filme, polpa, albino, alface, alveolar, etc.
Coronais	[t,d,n,r,l,ʃ,ʒ,s,z]	Balde, alto, álgebra, tal xarope, Elsa, mal servidor, etc.
Dorsal	[k,g, f]	Álcool, sal grosso, natal quente, mal rapaz, etc.
Vogais	[a,e,ɛ,i,o,ɔ ,u]	Natal é, tal animal, mal elemento, etc.
Pausa	#	Brasil#, etc.

Nossa hipótese é de que as consoantes labiais e as vogais inibirão o processo de vocalização da lateral pós-vocálica, tendo em vista uma maior proximidade dos traços entre tais consoantes e [w], ou seja, há uma maior tendência de apagamento

### 3.3.2.2.3- Extensão do vocábulo

Utilizaremos tal variável estrutural por acreditarmos, assim como Hora (2006), que a massa fônica é favorecedora da vocalização da lateral pós-vocálica. Logo, utilizaremos os mesmo grupos de fatores utilizados por ele:

**Tabela 04 – Extensão do vocábulo**

<b>Extensão do Vocábulo</b>	<b>Exemplos</b>
Polissílabo	Alfabetização
Trissílabo	Mineral
Dissílabo	Funil
Monossílabo	Mal

A hipótese que sustentamos é de que quanto menor a palavra, maior será a inibição do apagamento da lateral pós-vocálica.

#### **3.3.2.2.4- Posição da lateral**

Por acreditarmos que fenômenos como aspiração /h/ e o zero fonético [Ø] ou apagamento da lateral são condicionados pela posição que ela ocupa no vocábulo, utilizaremos os grupos de fatores:

**Tabela 05 – Posição da lateral**

<b>Posição da lateral</b>	<b>Exemplos</b>
Interior de Vocábulo	Altura
Coda absoluta	Animal

Acreditamos que há uma probabilidade muito maior de apagamento em posição de coda absoluta do que em interior de vocábulo. Neste caso o apagamento só ocorrerá, caso uma vogal posterior esteja no contexto fonológico precedente, a exemplo de palavras como “jugado”, “agricultura”, “tumuto”, “disinvoe”, etc.

#### **3.3.2.2.5- Tonicidade**

A partir da análise dos resultados dos trabalhos de Quednau (1993) e Hora (2006) decidimos incluir esta variável em nosso trabalho com os seguintes grupos de fatores.

**Tabela 06 – Tonicidade**

<b>Tonicidade</b>	<b>Exemplos</b>
Tônica	Álbun
Pretônica	Moldura
Postônica	Fácil

Acreditamos que nossos resultados assemelhar-se-ão aos de Quednau (1993), logo, em posição tônica, haverá uma maior probabilidade de manutenção da variante semivocalizada [w], seguindo-se, hierarquicamente as posições pretônica e postônica.

### **3.4- Método de análise**

Para que fossem realizadas as entrevistas, a maior exigência que os informantes deveriam atender para a seleção, seria a de terem nascido na cidade de Araguatins e não terem se ausentado da cidade por um período de mais de dois anos. E, para chegarmos a tais informantes, aplicamos 200 questionários nos bairros mais tradicionais de Araguatins. Tais questionários serviram para que selecionássemos os nossos propensos informantes e nos fornecessem um número razoável de informantes substitutos, que seriam contatados, no caso de não encontrarmos algum dos informantes quando do momento da volta à sua residência para a aplicação da ficha social ou da realização da entrevista; ou mesmo se algum informante não desejasse ou estivesse impossibilitado de nos conceder a entrevista. Eles também serviram para nos fornecer um primeiro contato com os entrevistados.

Como fora dito anteriormente, antes das entrevistas, ainda retornamos à residência de 100 dos propensos informantes para aplicarmos uma ficha social, que visava obter informações sobre o cotidiano e as preferências dos informantes,

de forma que pudéssemos traçar um roteiro para a entrevista, que, na maioria dos casos, já era marcada no ato de aplicação da ficha.

Em seguida, realizamos a descrição do comportamento variável da consoante lateral pós-vocálica em posição de coda, na cidade de Araguatins, e correlacionamos tal comportamento às variáveis lingüísticas (estruturais) e extralingüísticas (sociais), através de uma análise quantitativa dos dados obtidos nas entrevistas, para verificarmos que efeito teria cada variável sobre o nosso objeto de estudo.

Inicialmente transcrevemos as entrevistas isolando o fenômeno em questão, para que a partir daí pudéssemos codificar os dados que queríamos quantificar, o que consiste na transformação desses dados em *códigos identificáveis pelos programas computacionais* (SCHERRE E NARO, 2003).

Depois da codificação procedemos então com o método de análise quantitativa dos dados, através de um pacote de programas estatísticos para pesquisas sociolingüísticas chamado **GOLDVARB 2001**, que serve para medir o efeito simultâneo da variável dependente com as variáveis independentes.

#### 4- ANÁLISE À LUZ DA TEORIA VARIACIONISTA

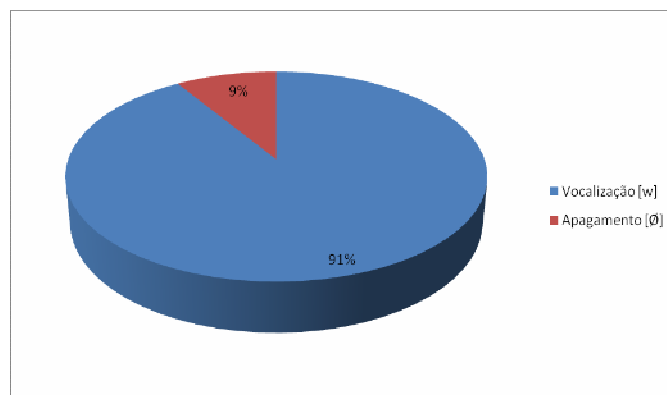
Neste capítulo faremos uma análise descritiva dos resultados obtidos em nossa pesquisa. Além de verificarmos qual variante da lateral pós-vocálica em posição de coda é a mais utilizada em Araguatins, discutiremos quais variáveis lingüísticas e extralingüísticas foram as mais significativas no processo de variação em questão.

Inicialmente, levantamos a hipótese de que existissem, em Araguatins, 4 (quatro) variantes da lateral pós-vocálica em posição de coda, seguindo a seguinte ordem hierárquica: a variante semivocalizada [w], forma padrão na comunidade estudada; o apagamento (zero fonético) [Ø]; a aspiração [h] e; em vias de desaparecimento, a variante velarizada [ɣ].

Após a primeira rodada, retiramos do corpus as variantes: aspirada [h], com apenas seis ocorrências; e a velarizada [ɣ], com somente duas ocorrências, de forma que evitássemos novos *knock-outs* ao rodarmos o GOLDVARB 2001, o que comprovou nossa hipótese de que a forma velarizada está em processo de extinção na comunidade de Araguatins.

Logo, foi considerado no processo de análise um total de 3256 ocorrências, sendo 2961 ocorrências da lateral semivocalizada [w]; e 295 de apagamento ou zero fonético [Ø], resultados que vemos representados no gráfico 01.

**Gráfico 01 – Resultados gerais da análise**





O GOLDVARB selecionou, através do *stepping up*, numa ordem hierarquicamente decrescente, as seguintes restrições: *Contexto fonológico precedente*, *Tonicidade*, *Sexo*, *Extensão do Vocábulo*, *Escolaridade*, *Contexto fonológico seguinte* e *Faixa Etária*, cujos resultados analisaremos a partir de agora.

#### 4.1- Influência da restrição *Contexto fonológico precedente* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 07 – Resultados para *Contexto fonológico precedente***

VOGAL	Exemplos	Apli./Total <sup>4</sup>	%	Peso Rel. <sup>5</sup>
Vogal alta posterior [u]	Raul, sul, multa	166/301	55	0.01
Vogal alta anterior [i]	Anil, barril, Brasil	306/392	78	0.34
Vogal média posterior [o]	Bolsa, solto (adjetivo)	125/155	80	0.07
Vogal média-baixa posterior [ɔ]	Volta, solto (verbo)	218/230	94	0.20
Vogal média-baixa anterior [ɛ]	Anel, bacharel	201/219	91	0.68
Vogal baixa [a]	Natal, carnaval, planalto	1945/1959	99	0.74

No nosso trabalho, semelhantemente ao que ocorrera no de Teixeira (1995), na comunidade de Monte Santo – BA, a vogal média anterior /e/ foi

<sup>4</sup> Apli./Total, em todo o trabalho, equivale a Aplicação/Total.

<sup>5</sup> Peso.Rel. ou P.Rel., em todo o trabalho, equivalem a Peso Relativo.

realizada, em todas as ocorrências, como uma média-baixa anterior [ɛ], o que já era de se esperar, tendo em vista que nas regiões Norte e Nordeste há uma predominância das vogais abertas em relação às variantes fechadas, no caso o [e].

Pelos resultados de [u] na tabela “Resultados para o contexto fonológico precedente”, com peso relativo de (0.01), percebemos que o apagamento da lateral foi muito freqüente diante desta vogal, tanto na coda absoluta (Raul, sul, etc.) quanto no interior de vocábulo (cultura, pulmão, etc.), o que deve explicar o fato de a variável *Posição da lateral* não ter sido selecionada pelo GOLDVARB 2001 como relevante.

Vale salientar que durante a transcrição verificamos que, em diversas palavras, não ocorria um apagamento total da forma semivocalizada após a vogal alta posterior /u/. Na verdade, não é que ocorresse a sucessão de dois segmentos semelhantes, mas, em palavras como: [su:], [u.ti.mu], [ku.tu.ra] e [mu.ta], ocorria um certo prolongamento na pronúncia do /u/ e, por questões metodológicas, preferimos utilizar na transcrição tais ocorrências como “não apagamento da variante semivocalizada”.

Seria improvável a contigüidade de dois segmentos semelhantes, pelo *Princípio da Saliência Fônica* (NARO; LEMLE, 1977, p. 259 a 268). As formas mais salientes, ou seja, mais marcadas têm maior chance de serem mantidas, assim se explicaria, por exemplo, por que há uma maior probabilidade de ocorrer o apagamento da lateral pós-vocálica depois de vogais posteriores, principalmente depois de [u], em comparação a outros contextos precedentes. Inclusive, Hora (2006, p.39) é taxativo ao afirmar: *defendemos a idéia de que o grau de saliência aumenta à medida que passamos da vogal posterior alta [u] para as vogais não posteriores.*

Pelos resultados encontrados, acreditamos que exista um estágio intermediário entre a forma semivocalizada da lateral e o apagamento total da semivogal /w/.

Quanto às outras vogais posteriores, percebemos claramente a gradação citada por Hora (2006) em relação à manutenção da lateral pós-vocálica, quando temos [o] com peso relativo (.07) e [ɔ] com peso (.20).

Discordamos de Sá (2007), que defende que a altura seja o único fator que condiciona à realização da forma semivocalizada ou ao apagamento da lateral em posição de coda silábica. Na nossa opinião, favorecem à aplicação da regra de vocalização tanto o traço [-posterior] quanto o traço [-alto], sendo que este último realmente, mostrou-se como aquele que mais condicionou a realização da variante semivocalizada. Obtivemos [ɛ] com peso (.68) e [a] com (.74), comprovando a influência da altura da vogal do *contexto fonológico precedente* no processo de variação da lateral pós-vocálica.

A prova de que há uma interação entre os traços [-alto] e [-posterior] na aplicação da regra de vocalização da lateral pós-vocálica é o fato de que [ɔ] com peso (.20), embora mantenha o traço [-alto], também possua o traço [+posterior] e, portanto, não se mostre como favorecedora do processo de vocalização da lateral.

#### 4.2- Influência da restrição *Tonicidade* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 08 – Resultados para *Tonicidade***

TONICIDADE	Exemplos	Apli./Total	%	Peso Rel.
Tônica	Quartel	1915/1980	96	0.54
Pretônica	Palmas	916/1045	87	0,61
Postônica	Fácil	130/231	56	0.02

Já prevíamos que obteríamos resultados próximos aos de Quednau (1993) e Hora (2006), sobretudo no que tange à proximidade entre a vocalização da lateral em posição tônica (.54) e pretônica (.61). É importante frisarmos que os pesos relativos praticamente iguais demonstraram que, embora esperássemos que o /l/ em sílaba tônica favorecesse um pouco mais a vocalização da lateral, em

ambas posições há uma maior propensão à vocalização do que na posição postônica.

Inclusive, em seu trabalho sobre a lateral pós-vocálica no português gaúcho, Quednau (1993, p. 50) chega a afirmar: *Os resultados dessa variável mostram um comportamento semelhante da lateral pós-vocálica em sílabas tônicas e pretônicas, revelando que a vocalização da lateral é favorecida nessas duas posições*, o que comprova que já se poderia esperar uma diferença mínima entre as duas posições.

Como já dissemos, também já era previsto que a posição postônica, com peso relativo quase nulo (.02), favoreceria o apagamento da lateral /l/ pós-vocálica, o que, segundo Câmara Jr. (1970, p.53) se deve à debilidade das sílabas nessa posição: *No registro formal da pronúncia padrão do português do Brasil, há a rigor uma pauta acentual para cada vocábulo. As sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas, depois do acento.*

#### **4.3- Influência da restrição *Sexo* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica**

**Tabela 09 – Resultados para *Sexo***

<b>SEXO</b>	<b>Apli./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Rel.</b>
Homens	1371/1574	87	0.28
Mulheres	1590/1682	92	0.70

Os resultados para a variável extralingüística *Sexo* comprovam a nossa hipótese inicial, pois, através dos resultados da tabela 09, percebemos claramente que os homens inibiram muito mais a regra de aplicação da vocalização em comparação às mulheres, tendo em vista que eles apresentaram peso relativo de apenas (.28), enquanto elas, com peso de (.70), favoreceram a realização da variante semivocalizada.

Tais resultados já eram de se esperar por se tratar de um estudo sociolinguístico, no qual não se deve desprezar, de forma alguma, a importância dos fatores sociais nos processos de variação e mudança linguística.

#### 4.4- Influência da restrição *Extensão do vocábulo* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 10 – Resultados para *Extensão do vocábulo***

<b>EXTENSÃO</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Apli./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Rel.</b>
Polissílabo	Faculdade, agricultura	428/531	80	0.16
Trissílabo	Último, hospital	1090/1248	87	0.38
Dissílabo	Brasil, geral, culpa	1190/1223	97	0.69
Monossílabo	Mal, mil, gol, sul	253/254	99	0.84

Ficou comprovada nossa hipótese inicial de que os vocábulos com menor massa fônica e, por conseguinte, menos massa a perder, são favorecedores à aplicação da regra de vocalização da lateral pós-vocálica. Por isso os monossílabos (.84) e dissílabos (.69) se mostraram condicionadores da vocalização, enquanto os trissílabos (.38) e os polissílabos (.16) favoreceram o apagamento de /l/ em posição final de sílaba, semelhantemente ao que ocorrera no trabalho de Hora (2006).

#### 4.5- Influência da restrição *Anos de Escolarização* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 11 – Resultados para *Anos de escolarização***

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>Apli./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Rel.</b>
BAIXA (0 a 5 anos de escolarização)	668/761	87	0.24
INTERMEDIÁRIA (6 a 9 anos de escolarização)	975/1072	90	0.52
ALTA (10 anos ou mais de escolarização)	1318/1423	92	0.62

Pelo fato de a forma semivocalizada ser o padrão no português brasileiro, inclusive, aquele estabelecido pela escola, já prevíamos que os resultados para a variável *Anos de escolarização* comprovariam que os informantes de escolaridade mais baixa, com peso (.24), são, normalmente, mais propensos ao apagamento da lateral /l/ em posição final de sílaba.

A tabela 11 também nos mostra claramente que, quanto maior for a escolarização do informante, maior será a probabilidade de favorecimento à regra de vocalização da lateral, uma vez que os informantes de escolarização intermediária, obtiveram peso relativo de (.52), enquanto para os informantes de escolarização alta, o peso foi de (.62).

#### 4.6- Influência da restrição *Contexto fonológico seguinte* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 12 – Resultados para *Contexto fonológico seguinte***

CONSOANTE	Exemplos	Apli./Total	%	Peso Rel.
Coronais [t,d,n,r,l,ʃ,ʒ,s,z]	Balde, alto, álgebra, tal xarope, Elsa, mal servidor, etc.	1259/1402	89	0.58
Labiais [p,b,m,f,v]	Filme, polpa, albino, alface, etc.	792/890	88	0.31
Dorsais [k,g,ʔ]	Álcool, sal grosso, natal quente, mal rapaz, etc.	409/434	94	0.50
Vogais [a,e,ɛ,i,o,ɔ,u]	Natal é, tal animal, mal elemento, etc.	314/339	92	0.48
Pausa	Brasil#, etc.	187/191	97	0.75

Percebemos, pela análise da tabela anterior, que nossos resultados em relação às labiais (.31) e vogais (.48) se assemelham aos de Quednau (1993), pois tais contextos fonológicos não se mostraram favorecedores à regra da vocalização.

Verificamos no corpus diversas ocorrências do tipo “resove”, “desenvovida”, “fuminante”, etc., que comprovam que as consoantes labiais funcionaram, em Araguaetins, como inibidoras à vocalização da lateral pós-vocálica.

Esses resultados já eram esperados, pois, pelo *Princípio do Contorno Obrigatório*, são proibidos dois segmentos adjacentes com traços idênticos, ou seja, como a forma semivocalizada [w] da lateral também possui o traço labial daquelas consoantes, há uma tendência de que haja o apagamento da lateral, situação semelhante ao que ocorre quando, no contexto fonológico seguinte, está uma vogal.

Em relação à pausa (.75), já pressupunhamos que haveria uma tendência à aplicação da regra da vocalização da lateral pós-vocálica, pois o simples fato de não existir contexto seguinte que condicione ao apagamento favorece à manutenção da forma semivocalizada, já que a inexistência de contexto fonológico possibilita ao falante uma pronúncia mais articulada dos fonemas em posição de coda silábica.

Por sua vez, as consoantes dorsais (.503) e as coronais (.58) tiveram resultados muito próximos à neutralidade, na verdade, tais resultados têm influência direta do contexto fonológico precedente, como podemos comprovar na tabela 14, que traz o cruzamento das variáveis *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte*:

#### 4.7- Influência da restrição *Faixa etária* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 13 – Resultados para *Faixa etária***

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>Apli./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Rel.</b>
JOVENS (de 15 a 25 anos)	884/964	91	0.50
ADULTOS (de 26 a 49 anos)	1052/1167	90	0.42
IDOSOS (50 anos ou mais)	1025/1125	91	0.57

Os números da tabela 11 nos indicam que, em Araguatins, a concorrência existente entre a variante semivocalizada e o apagamento da lateral pós-vocálica se encontra em um estágio de variação estável, tendo em vista que tanto os índices percentuais quanto os pesos relativos são muito próximos e, no caso destes últimos beiram à neutralidade, já que temos jovens com (.50), adultos com (.42) e idosos com (.57).

Porém, vale salientar que qualquer afirmação categórica acerca da variável *faixa etária* pode ser equivocada, tendo em vista que nosso trabalho se trata de



uma pesquisa em tempo aparente, que não pode ser usada, segundo Bayley (2002, p. 314), para representar o percurso de evolução de uma língua. Na verdade, uma pesquisa desse tipo tem a intenção de verificar qual o quadro atual do processo de variação em questão, no que tange a estratificação etária dos informantes.

#### 4.8- Resultados do cruzamento das variáveis *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 14 – Cruzamento de *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte***

	[o]		[a]		[ɛ]		[i]		[u]		[ɔ]	
	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%
Coronais [t,d,n,r,l,ʃ,ʒ,s,z]	83/86	97	726/729	100	86/89	97	86/114	75	124/230	54	154/154	100
Labiais [p,b,m,f,v]	41/68	60	539/547	99	41/43	95	126/156	81	25/44	57	20/32	62
Dorsais [k,g,f]	1/1	100	323/324	100	17/24	71	37/44	84	14/24	58	17/17	100
Vogais [a,e,ɛ,i,o,ɔ,u]	0	0	218/219	100	36/40	90	44/64	69	1/1	100	15/15	100
Pausa	0	0	139/140	99	21/23	91	13/14	93	2/2	100	12/12	100

Pelos resultados da tabela anterior, percebemos que as coronais recebem influência direta do *Contexto fonológico precedente*, pois apenas no cruzamento com e [i] e [u], a exemplo de “*último*” e “*difici demais*” e “*dificuldade*”, houve certa inibição à vocalização, o que já havia sido demonstrado na análise isolada desses contextos.

Em relação às dorsais; com exceção de [ɛ], que na análise do *Contexto fonológico precedente* havia se mostrado favorecedora do processo de vocalização; vemos que os índices percentuais caem para a variante

semivocalizada, mais uma vez, nas vogais altas [i] e [u], como nas construções: “*divugar*”, “*jugamento*” e “*azu com*”.

Em suma, podemos afirmar que os resultados para o *Contexto fonológico seguinte* foram influenciados pela variável *Contexto fonológico precedente*, como demonstrou a tabela 14.

#### 4.9- Resultados do cruzamento das variáveis *Contexto fonológico precedente* e *Extensão do vocábulo* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica

**Tabela 15 – Cruzamento de *Contexto fonológico precedente* e *Extensão do vocábulo***

	[o]		[a]		[ɛ]		[i]		[u]		[ɔ]	
	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%
Polissílabo	14/24	58	301/307	98	29/38	76	19/21	90	47/118	40	18/23	78
Trissílabo	46/66	70	708/714	99	90/99	91	91/162	56	75/120	62	80/87	92
Dissílabo	62/62	100	786/787	100	70/70	100	131/144	91	37/56	66	104/104	100
Monossílabo	1/1	100	150/151	99	12/12	100	65/65	100	7/7	100	16/16	100

O cruzamento entre o *Contexto fonológico precedente* e a *Extensão do vocábulo* acentuou os resultados para as vogais [i] e [u], no que diz respeito ao não favorecimento à aplicação da regra de vocalização da lateral, semelhantemente ao que acontecera no trabalho de Sá (2007), a altura da vogal precedente foi fator decisivo para o apagamento da lateral semivocalizada em posição de coda.

**4.10- Resultados do cruzamento das variáveis *Contexto fonológico precedente* e *Tonicidade* sobre a vocalização da lateral /l/ pós-vocálica**

**Tabela 13 – Cruzamento de *Contexto fonológico precedente* e *Tonicidade***

	[o]		[a]		[ɛ]		[i]		[u]		[ɔ]	
	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%
Tônica	20/24	83	1370/1376	100	135/137	99	213/213	100	75/122	61	102/108	94
Pretônica	105/131	80	574/582	99	14/14	100	17/19	89	90/177	51	116/122	95
Postônica	0	0	1/1	100	52/68	76	76/160	48	1/2	50	0	0

Ao cruzarmos *Contexto precedente* e *Tonicidade* ainda percebemos uma grande proximidade entre os resultados estatísticos para a lateral pós-vocálica em sílabas *tônica* e *pretônica*, porém, agora, os resultados para a sílaba tônica foram levemente superiores aos da sílaba pretônica em praticamente todos os contextos fonológicos precedentes.

Contudo, vale ressaltar que as maiores disparidades são registradas, mais uma vez, diante das vogais altas [i] e [u], o que ratifica nossa tese de que a altura da vogal, bem como a tonicidade da sílaba onde se encontra a lateral são fatores decisivos para a vocalização ou o apagamento do /l/ pós-vocálico.

Também há uma clara indicação de que a presença da lateral em sílaba postônica seja decisiva para o apagamento da lateral pós-vocálica, independentemente do *Contexto fonológico precedente*, embora o número de ocorrências em alguns contextos seja mínimo, o que prejudica uma análise mais aprofundada.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definimos como objeto de estudo do presente trabalho o comportamento da lateral /l/ pós-vocálica em posição de coda no falar tocantinense. Utilizamos a corrente metodológica da sociolinguística variacionista laboviana e constituímos nosso *corpus* a partir das entrevistas realizadas com 36 falantes, estratificados pelo sexo, faixa etária e escolarização.

Consideramos na análise 3256 ocorrências, sendo 2961 ocorrências da lateral semivocalizada [w]; e 295 de apagamento ou zero fonético [Ø]. Analisamos os dados, através do GOLDVARB, programa computacional específico para pesquisas sociolinguísticas.

Utilizamos para a estratificação do *corpus* as variáveis extralingüísticas: *sexo, faixa etária e escolaridade*; e as variáveis estruturais: *contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo, posição da lateral e tonicidade*. O GOLDVARB selecionou como relevantes, as restrições: *Contexto fonológico precedente, Tonicidade, Sexo, Extensão do Vocábulo, Escolaridade, Contexto fonológico seguinte* e *Faixa etária*. Não considerando como relevante para a análise a variável *posição da lateral*.

Em relação ao *Contexto fonológico precedente*, nossos resultados demonstraram que as vogais posteriores, sobretudo [u], não favorecem a aplicação da regra da vocalização de /l/; a altura também tem influência direta na manutenção da forma semivocalizada, por isso [ɛ] com peso (.68) e [a] com (.74), foram os contexto precedentes que mais condicionaram a utilização de [w].

Ficou claro também que, em Araguatins, quando há uma vogal (.48) ou uma consoante labial (.31) no *Contexto fonológico seguinte* há uma grande tendência ao apagamento da lateral, já que, pelo *Princípio do Contorno Obrigatório*, não são permitidos dois segmentos adjacentes idênticos. Já a pausa se mostrou como favorecedora à manutenção da forma semivocalizada [w], com

peso (.75); enquanto as consoantes dorsais (.50) e as coronais (.58) tiveram resultados muito próximos à neutralidade.

Pela análise da variável *extensão do vocábulo*, comprovamos a hipótese inicial de que, quanto menor a massa fônica do vocábulo, maior o favorecimento à aplicação da regra da vocalização; logo, quanto maior a palavra, mais massa ela tem e mais propensa ao apagamento de segmentos ela estará, sobretudo, o daqueles em posição de coda silábica, como a lateral /l/ pós-vocálica.

Quanto à tonicidade verificamos que a vocalização foi favorecida quando em posição tônica (.54) ou pretônica (.61); enquanto os resultados para a vocalização em posição postônica apresentaram peso relativo quase nulo (.02), o que demonstra forte condicionamento ao apagamento da lateral.

Pela análise dos resultados das variáveis extralingüísticas ficou nítido que os homens (.28) apagam muito mais o /l/ pós-vocálico do que as mulheres, que, por sua vez, mostraram-se como grandes favorecedoras à aplicação da regra de vocalização da lateral, obtendo peso relativo de (.70).

Em relação a variável *faixa etária*, não foi percebida grande interferência do fator idade no processo de variação do /l/ na coda silábica, tendo em vista que os pesos relativos para jovens, adultos e idosos foram muitos próximos à neutralidade.

*Anos de escolarização* também foi uma das variáveis consideradas relevantes pelo *stepping up* do GOLDVARB 2001, tendo os informantes de baixa escolaridade (0 a 5 anos de escolarização) obtido peso relativo de (.24) para a vocalização da lateral em posição de coda, os de escolaridade intermediária (6 a 9 anos de escolarização) peso de (.52) e os de escolaridade alta tiveram peso (.62) para a forma semivocalizada da lateral.

Vale lembrar que o *corpus* que utilizamos faz parte dos *corpora* do projeto VALTINS (Variação Lingüística do Tocantins), coordenado pelo professor

Dermeval da Hora (UFPB/CAPES) e que visa à formação de um grande banco de dados constituído de entrevistas de 104 informantes, sendo: 36 informantes de Araguatins (extremo norte do estado, divisa com o Pará), 36 de Paranã (extremo Sul, divisa com Goiás) e 36 de Porto Nacional (região central do estado). Tal banco de dados subsidiará trabalhos futuros que tenham na variação lingüística seu foco principal.

Os estudos variacionistas têm-se intensificado no Brasil a partir da segunda metade do século XX, porém essa não é a realidade da região Norte do país; e foi buscando mudar esse cenário que foi idealizado o projeto VALTINS. Buscamos dar nossa contribuição para a lingüística, enquanto ciência, principalmente no que tange os trabalhos de cunho fonético-fonológicos, que venham a seguir os princípios da sociolingüística variacionista laboviana.

Entendemos que estudos como o nosso podem auxiliar na reformulação das políticas públicas para a educação, bem como nortear a elaboração de projetos educacionais em âmbito regional e nacional, que levem em consideração as variantes lingüísticas tão presentes em um país imenso como o Brasil.

Como se não bastasse a relevância para a descrição do Português Brasileiro (PB), mais especificamente das variantes utilizadas no Tocantins, é importante ressaltarmos que a análise da linguagem na prática social nos permite não somente compreender uma parte necessária do universo humano, sua dimensão simbólica; mas, principalmente, a partir dessa compreensão, intervirmos na realidade para transformá-la.

Uma das formas dessa intervenção seria através da prática educativa, no caso, mais precisamente, através do ensino de língua materna, que deve ser, além de um instrumento que permita ao homem interagir verbalmente de forma competente na prática social, um instrumento de libertação do homem dos mecanismos de dominação a que, na sociedade de classes, é submetido pelo próprio homem.

Em nossa opinião, fazer com se respeite cada variante utilizada na comunidade de fala é um dos caminhos que devemos trilhar para que se quebre esse paradigma de libertação, porém isso só se faz possível a partir do conhecimento de tais variantes e dos processos sociolingüísticos que desencadeiam seus usos, de forma que inibamos os mais diversos preconceitos lingüísticos tão presentes em nosso cotidiano, sobretudo no contexto escolar. Essa é uma das mais importantes contribuições que a sociolingüística pode prestar à sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. y otros. *Lecturas de Sociolingüística*. Madrid: EDAF, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAILEY, Guy. *Real and apparent time*. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.
- BLOOMFIELD, L. *Literate and Illiterate Speech*. *Language*. New York: Holt, 1933, pp. 432-439
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro
- \_\_\_\_\_ (org.). *Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1980, pp. 99-154.
- BÜHLER, Karl. *Teoria del lenguaje*. Madrid: Revista del Occidente, 1950.
- CÂMARA JR., J. MATTOSO. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Manual de expressão oral e escrita*. Petrópolis: Vozes, 1977.



CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. *Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas*. Goiânia, Ed. da UFG, 1997.

CEDERGREN, Henrietta, SANKOFF, David. *Variables rules: performance as a statistical reflection of competence*. *Language*, 50 (2): 333-55, junho, 1974.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper, 1968.

COSTA, Cristine Ferreira. *Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*, 2003. 129f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

DAL MAGO, Diane. *Aspectos fonológicos segundo uma perspectiva não-linear: a líquida /l/ em questão*. Trabalho de iniciação científica. UFSC. 1997.

\_\_\_\_\_. *O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país*. Florianópolis: UFSC, 1997.

ESPIGA, J. W. R. A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais: estudo sociolingüístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 127, p. 26-49, 2002.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Metodologia Sociolingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

FISCHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*: 1958.

FISHMAN, Joshua: *Sociolinguistic perspective on the study of bilingualism*. In: *Linguistics* 38, pp.21-50.

FRANCHI, Eglê. *Pedagogia da alfabetização. Da oralidade à escrita*. São Paulo: Cortez, 1988.

GUY, Gregory R. *VARBRUL: análise avançada*. In: NEUSA, Matte (Org.). *Cadernos de tradução*. Tradução: Ana Maria Stahl Zilles. Porto Alegre: UFRS, 1998. p.27-49.

HORA, Dermeval da (Org.). *Projeto variação lingüística no estado da Paraíba*. 1993. 40f. Projeto. (Pesquisa em sociolingüística: variação lingüística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

\_\_\_\_\_. *Diversidade lingüística no Brasil*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Teoria da variação: uma retrospectiva*. João Pessoa: idéia. p. 159-174.

\_\_\_\_\_. *Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais*. Em: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º sem. 2006.

HUDSON, Richard Anthony. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunnar & HALLE, Morris. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates*. Cambridge: The MIT Press, 1951.

KOCH, I. V.. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania: Press, 1972.

LABOV, William. *Modelos Sociolingüísticos*. Tradução: José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Resolving the neogrammarian controversy*. *Language*, v.57, n.2, junho, 1983.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blacwell, 1994. V.um.

MOLLICA, Maria C. (org.) et. al. *Sociolingüística: conceituação e delimitação. Introdução à sociolingüística variacionista*. 2. ed. Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_, BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística – O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística – O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MORALES, Humberto López. *Métodos de Investigación Lingüística*. Salamanca: Ediciones Colegio de Espana, 1994.

\_\_\_\_\_. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. 2. ed. Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

OIIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é lingüística. (col. Primeiros passos)*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Portuguesa) – UFPB, João Pessoa.

PAIVA, Marica C. de.; DUARTE, Maria E. L. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística – O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

QUANDT, Vivian de Oliveira. *O comportamento da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense*, 2004. 178f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

QUEDNAU, Laura. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

RAND, D. & SANKOFF, D. *GoldVarb: a variable rule application for Macintosh*. 1990.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. User's manual. 2001.

ROUSSEAU, Pascale & SANKOFF, David. *Advances in variable rule methodology*. In: SANKOFF, David (ed.) *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978. pp. 57 - 68.

SÁ, Edmilson José de. *Variação do // em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)*. Recife: UFPE, 2007. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 17. Ed. São Paulo: Cultrix, 1969

SÊCCO, Glacy Camargo. *O // implosivo na linguagem pontagrossense*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados*. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Cadernos Didáticos, UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Departamento de Lingüística e Filologia. Projeto de Estudo sobre o uso da língua (PEUL), 1992a.

\_\_\_\_\_; NARO, Anthony Julius. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística – O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Gisela M. de O. & PAIVA, Maria da Conceição. A. de. *Visão de conjunto das variáveis sociais. Padrões Sociolingüísticos - Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. In: SILVA, Gisela M. de O & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.). Rio de Janeiro: Tempo brasileiro 1996. Pp. 369 - 371 - 373.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986. p.6.

\_\_\_\_\_. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

TASCA, Maria. *Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. *Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoantes //*. Estudos Lingüísticos e Literários, Salvador, n. 17, p. 59-68, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus*. São Paulo: Cortez, 1997.

TRUBETZKOY, Nicolas. *Principles of phonology*. University of California Press, 1969.

VOTRE, S. J. *Relevância da variável escolaridade*. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (org) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo; Contexto, 2003.

WEEDWOOD, Bárbara; *História concisa da lingüística*. Tradução: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, U. LABOV, W. & HERZOG, M . *Empirical foundations for a theory of language change*. Columbia University, 1968. pp. 121- 124 - 125b

WHITNEY, W. D. *Language and the study of language*. New York: Scribner's, 1901, p.404.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO SOCIAL

DATA DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

NOME : \_\_\_\_\_

SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO

IDADE: \_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_\_

ESCOLARIDADE: ( ) 1 a 4 anos ( ) 5 a 9 anos ( ) 10 anos ou mais

JÁ MOROU EM OUTRA CIDADE:

( ) NÃO ( ) SIM, MENOS DE 2 ANOS ( ) SIM, MAIS DE 2 ANOS

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

TELEFONE RESIDENCIAL: \_\_\_\_\_

TELEFONE CELULAR: \_\_\_\_\_

HORÁRIOS MAIS CONVENIENTES PARA UMA POSSÍVEL ENTREVISTA:

HORA	DIA DA SEMANA	LOCAL

**FICHA SOCIAL DO INFORMANTE**

Nº do Entrevistado: \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_\_\_

01) Nome: \_\_\_\_\_

02) Endereço: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

03) Data de nascimento: \_\_\_\_\_

04) Você estuda? ( ) sim ( ) não ( ) nunca estudou

05) Qual série? \_\_\_\_\_

06) Até que série você cursou?  
\_\_\_\_\_

07) Por que você não continuou?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ 08) Você

trabalha? ( ) sim ( ) não

09) Que tipo de atividade você faz?  
\_\_\_\_\_

10) É essa sua profissão? ( ) sim ( ) não

11) Qual é sua profissão?  
\_\_\_\_\_

12) Você tem uma outra profissão? ( ) sim ( ) não

13) Você é financeiramente independente? ( ) sim ( ) não

14) Você recebe ajuda financeira de quem? ( ) família ( ) outros

15) Qual a sua renda mensal aproximada (ou renda familiar, se for independente)?

Renda individual: \_\_\_\_\_

Renda familiar: \_\_\_\_\_

16) Além de você, quantas pessoas moram em casa?  
\_\_\_\_\_

17) Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

( ) parente (tio, avó, primos) ( ) não parentes

18) Você costuma ver TV? ( ) sim ( ) não

19) Que programa(s) você assiste? ( ) novela ( ) notícias ( ) esportes



( ) outros, Quais \_\_\_\_\_

20) Você costuma ouvir rádio? ( ) sim ( ) não

21) Em que horário você ouve? \_\_\_\_\_

22) Você lê jornal? ( ) não ( ) diariamente ( ) de vez em quando

23) Qual(is) jornal(is)?

\_\_\_\_\_

24) Lê revista? ( ) sim ( ) não Que revistas você lê?

\_\_\_\_\_

25) Você vai ao cinema? ( ) não ( ) sempre ( ) de vez em quando

26) Qual a sua diversão favorita?

\_\_\_\_\_

27) Você gosta de carnaval? ( ) sim ( ) não

28) Você gosta de futebol? ( ) sim ( ) não

29) Você pratica algum esporte? ( ) sim ( ) não

30) Qual esporte? \_\_\_\_\_

31) Você tem alguma religião? \_\_\_\_\_

32) Você é uma pessoa que

( ) nunca sai de sua cidade

( ) só sai a negócio

( ) sempre sai para passear

33) Passa muito tempo fora?

( ) menos de um mês

( ) mais de um mês

34) Você já passou por algum problema sério de saúde ou risco de vida? Qual?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA**

Declaro estar ciente de que o questionário social, em anexo, será utilizado para seleção de informantes no desenvolvimento do projeto de pesquisa para obtenção do título de mestre do professor Adriano Carlos de Moura junto a Universidade Federal da Paraíba e que, caso haja necessidade, estou predisposto a conceder uma entrevista em local e data a serem combinados posteriormente.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Entrevistado